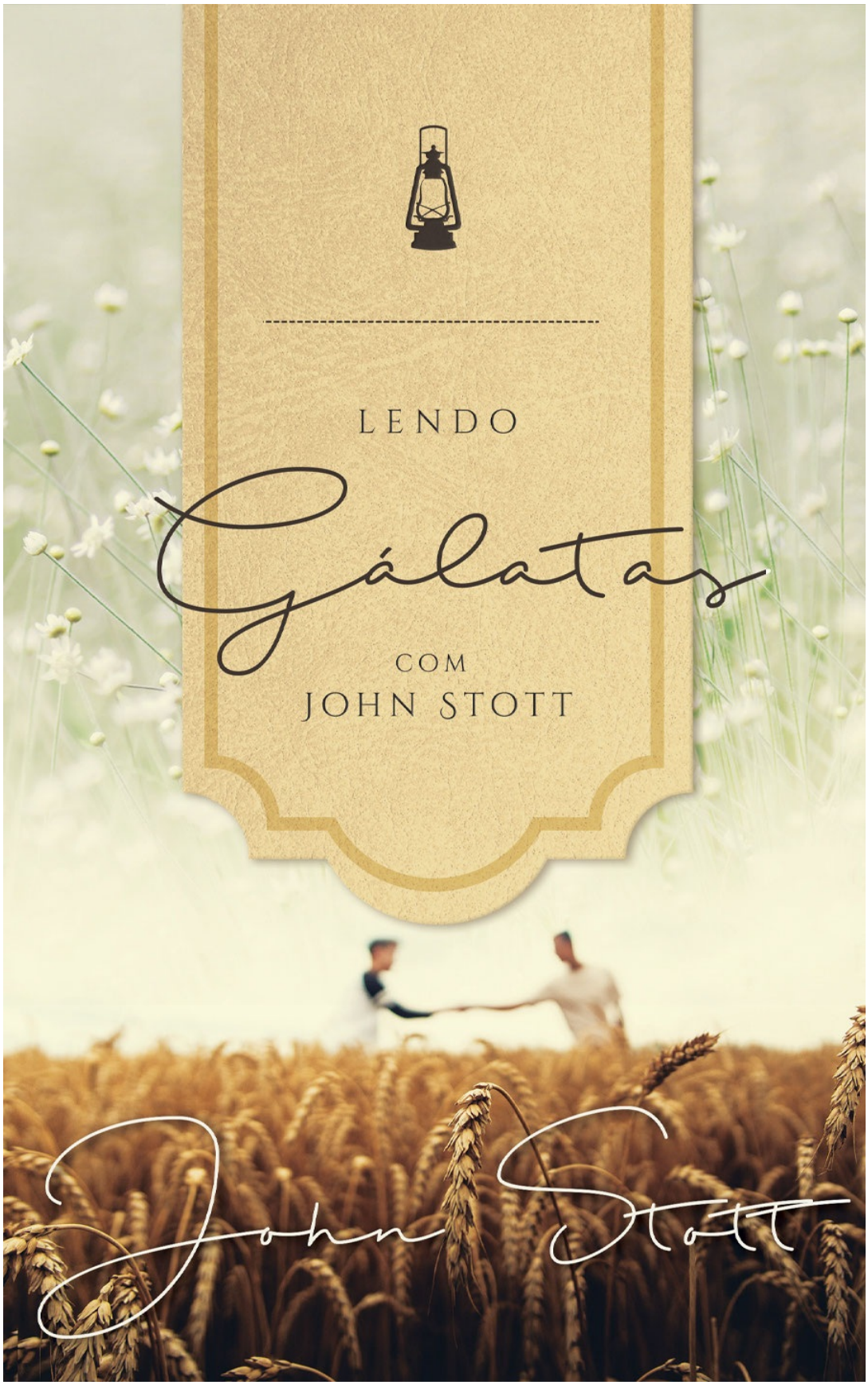
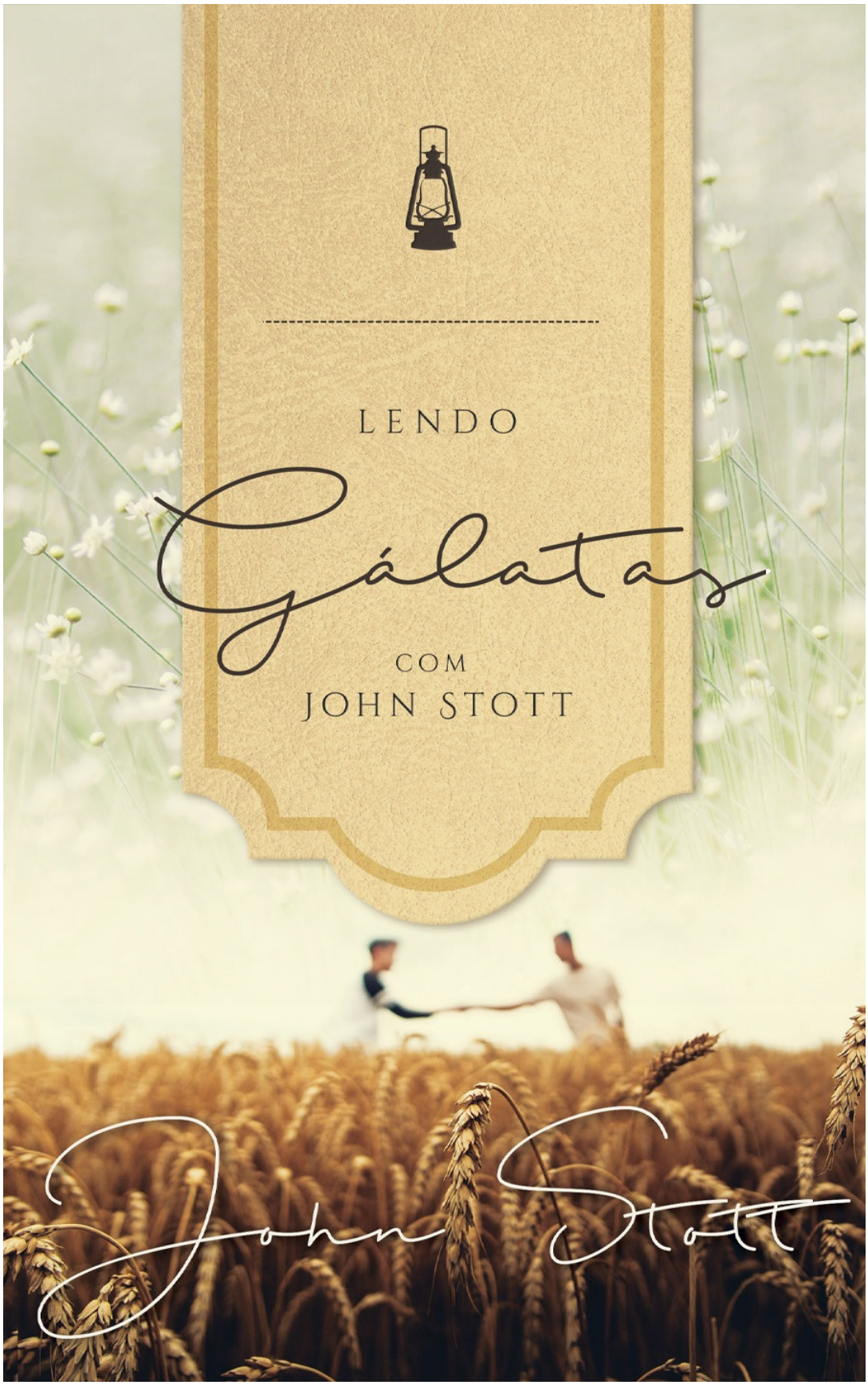

LENDO
Gálatas
COM
JOHN STOTT
John Stott


LENDO
Gálatas
COM
JOHN STOTT
John Stott

LENDO

Gálatas

COM

JOHN STOTT

LENDO A BÍBLIA COM

John Stott

JOHN STOTT
COM DALE & SANDY LARSEN

LENDO Gálatas COM JOHN STOTT

Traduzido por VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES

LENDO A BÍBLIA COM John Stott

ultimato
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa

Folha de rosto

COMO LER A BÍBLIA COM JOHN STOTT

INTRODUÇÃO

1. Gálatas 1.1-12:

FALSOS MESTRES E CRISTÃOS INCRÉDULOS

2. Gálatas 1.13–2.10:

MUDANÇA RADICAL

3. Gálatas 2.11-21:

ENFRENTANDO CONFLITOS

4. Gálatas 3.1-14:

FÉ E OBRAS

5. Gálatas 3.15-29:

A DÁDIVA DA LEI

6. Gálatas 4.1-31:

FILHOS DE DEUS

7. Gálatas 5.1-15:

RELIGIÃO VERDADEIRA E RELIGIÃO FALSA

8. Gálatas 5.16–6.5:

AMANDO UNS AOS OUTROS

9. Gálatas 6.6-18:

SEMEANDO E COLHENDO

ORIENTAÇÕES PARA LÍDERES

Créditos

COMO LER A BÍBLIA COM JOHN STOTT

DURANTE A VIDA – 1921 A 2011 – John Stott foi um dos principais professores do mundo em se tratando de Bíblia. Cristãos em todos os continentes ouviram e leram exposições das Escrituras feitas por John Stott, que, ao mesmo tempo, instruíam e inspiravam. Com mais de oito milhões de exemplares de seus mais de cinquenta livros vendidos em dezenas de idiomas, não é de surpreender que a revista Time o tenha reconhecido, em 2005, como uma das “100 Pessoas Mais Influentes do Mundo” e a Christianity Today tenha se referido a ele como “o mais importante professor e pregador do evangeli-calismo”. Na essência de seu ministério estavam a Bíblia e sua estimada série "A Bíblia Fala Hoje", que ele começou enquanto era editor da série do Novo Testamento. Ele mesmo contribuiu com vários volumes para a série, que agora dá origem à série "Lendo a Bíblia com John Stott".

O objetivo deste livro é oferecer excertos de A Mensagem de Gálatas, de Stott, em leituras breves e apropriadas para a aplicação diária. Embora o próprio Stott tenha sido um estudioso proficiente, esta série, na qual cada leitura enfatiza a essência, o significado e a aplicação do texto, evita detalhes técnicos e debates acadêmicos.

Após cada série de seis leituras há um guia para discussão. Esse guia pode ser usado de modo individual, ajudando o indivíduo a analisar o texto mais a fundo. Também pode ser usado em grupos de estudo que se reúnem regularmente. Os participantes dos grupos podem examinar as seis leituras entre as reuniões do grupo e depois usar o guia para discussão a fim de ajudar o grupo a compreender e aplicar a passagem bíblica. As discussões devem durar de 45 a 60 minutos. As orientações para os líderes no final deste livro oferecem muitas sugestões úteis para uma reunião proveitosa.

Se você participa de um grupo, pode ajudar a todos os presentes da seguinte maneira:

Leia e ore durante as leituras antes das reuniões.

Esteja disposto a participar da discussão. O líder não será o palestrante. Em vez disso, todos serão convidados a discutir o que aprenderam.

Atenha-se ao tema que está sendo discutido e se concentre na passagem bíblica em particular. Somente raras vezes você deve recorrer a outras passagens da Bíblia ou outras fontes. Isso permitirá que todos participem em igualdade de condições.

Ouça com atenção o que os outros têm a dizer. Cuidado para não falar muito, mas procure incentivar uma discussão equilibrada entre todos os participantes. Você pode se surpreender com o que poderá aprender com os outros. Normalmente as perguntas não têm uma resposta correta, mas têm por objetivo examinar várias dimensões do texto.

Creia que Deus irá ensiná-lo por meio da passagem estudada e por meio daquilo que os outros têm a dizer.

Use as orientações a seguir e leia-as no início da primeira sessão:

Faremos do grupo um lugar seguro, mantendo em segredo o que for dito no

grupo sobre assuntos pessoais.

Daremos tempo para que cada pessoa fale como quiser.

Ouviremos com atenção uns aos outros.

Falaremos sobre nós mesmos e nossa própria situação, evitando conversas sobre os outros.

Teremos cuidado no sentido de dar conselhos uns aos outros.

John Stott causou um grande impacto na igreja na última metade do século 20. Com estes livros o leitor, hoje, pode continuar a se beneficiar com as riquezas da Bíblia que Stott expôs a milhões.

INTRODUÇÃO

NO PERÍODO DE TRINTA ANOS, ou algo em torno disso, entre sua conversão fora de Damasco e sua prisão em Roma, o apóstolo Paulo viajou por todo o império como embaixador de Jesus Cristo. Em suas três famosas viagens missionárias, pregou o evangelho e estabeleceu igrejas nas províncias da Galácia, Ásia, Macedônia (norte da Grécia) e Acaia (sul da Grécia). Suas visitas foram seguidas por cartas, por meio das quais ele ajudou a cuidar das igrejas que fundou.

Uma dessas cartas, que se acredita ser a mais antiga (48 ou 49 d.C.), é a carta aos gálatas. É endereçada “às igrejas da Galácia”. Há certa controvérsia quanto ao que se entende por Galácia. Acredito que o termo se refere à parte sul da província, em particular às quatro cidades de Antioquia: Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, as quais Paulo evangelizou durante sua primeira viagem missionária (veja At 13–14). Em cada uma dessas quatro cidades havia, nesse momento, uma igreja.

No Novo Testamento, o que é conhecido como “a Igreja de Deus” (Gl 1.13), a igreja universal, é dividido em igrejas locais, que não são denominações, mas congregações. Essas igrejas foram agrupadas de acordo com sua posição político-geográfica. Tal grupo de igrejas poderia ser descrito no plural ou por um substantivo singular coletivo. Essa descrição implica certa garantia bíblica para o conceito de uma igreja regional, a associação de igrejas locais em uma área em particular.

Já no primeiro parágrafo da carta, Paulo trata de dois temas aos quais retornará constantemente: seu apostolado e sua mensagem do evangelho. No mundo antigo, todas as cartas começavam com o nome do escritor, seguido pelo nome

do destinatário e uma saudação ou mensagem. Mas na carta aos gálatas, Paulo vai além do que era habitual naqueles dias e também do que fez em outras cartas, tanto nas credenciais como escritor quanto na mensagem. Ele tem boas razões para isso.

Desde a sua visita a essas cidades da Galácia, as igrejas que ele fundou foram perturbadas por falsos mestres. Essas pessoas orquestraram um poderoso ataque à sua autoridade e ao evangelho que ele pregava. Questionaram o evangelho da justificação somente pela graça e somente por meio da fé, insistindo que era necessário mais do que a fé em Cristo para se obter a salvação. Era preciso também ser circuncidado, diziam eles, e guardar todas as leis de Moisés (veja At 15.1, 5). Tendo enfraquecido a mensagem do evangelho de Paulo, eles também continuaram a enfraquecer a autoridade dele. “Afinal, quem é este Paulo?”, perguntavam com desprezo. “Com certeza não era um dos doze apóstolos de Jesus. Nem, até onde sabemos, recebeu qualquer autoridade de alguém. Ele não passa de um autoproclamado impostor”.

Paulo percebe os perigos desse ataque em duas frentes; portanto, logo no início da carta, ele imerge em uma declaração de sua autoridade apostólica e da mensagem do evangelho da graça. Ele aprofundará esses temas mais adiante, mas observe como ele começa: “Paulo, apóstolo [não impostor] [...] a vocês, graça e paz”. Os termos apóstolo e graça foram importantes nessa situação; e, se entendermos o seu significado, compreenderemos os dois principais temas da carta aos gálatas.

JOHN STOTT

1 GÁLATAS 1.1-12

FALSOS MESTRES E CRISTÃOS INCRÉDULOS

PAULO, APÓSTOLO

GÁLATAS 1.1-2

1 Paulo, apóstolo enviado, não da parte de homens nem por meio de pessoa
alguma, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos, 2 e
todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia:

Paulo reivindica para si o título que os falsos mestres estavam, claramente, lhe negando. Ele era apóstolo de Jesus Cristo. Esse é o título que Jesus usou para os seus representantes ou emissários especiais. De uma grande quantidade de discípulos ele escolheu doze, nomeou-os “apóstolos” e enviou-os para pregar. Logo, eles foram pessoalmente escolhidos, chamados e enviados por Jesus Cristo e autorizados a ensinar em seu nome. Apóstolo não era uma palavra geral que podia ser aplicada a todo cristão, como a palavra crente, santo, irmão ou irmã. Era um termo especial reservado para os Doze e para um ou dois outros que o Cristo ressurreto havia pessoalmente designado.

Paulo afirmou pertencer a esse seleto grupo de apóstolos. Observe como ele se distingue claramente de outros cristãos que estavam com ele no momento da escrita. Ele os chama de “todos os irmãos que estão comigo”. Alegra-se em associá-los a ele na saudação, mas se coloca, sem constrangimento, em primeiro lugar e dá a si mesmo um título que não lhes dá. Somente Paulo, entre eles, é

apóstolo.

Paulo não deixa dúvida sobre a natureza de seu apostolado. Ele faz uma afirmação contundente de que sua comissão apostólica não era direta nem indiretamente humana; era totalmente divina. Era “por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos”. Deus Pai escolheu Paulo para ser apóstolo e designou-o para esse ofício por meio de Jesus Cristo, a quem ressuscitou dos mortos. Foi o Senhor ressurreto quem comissionou Paulo na estrada de Damasco, e, em suas cartas, Paulo se refere várias vezes a essa visão do Cristo ressurreto como condição essencial de seu apostolado.

Por que Paulo afirmou e defendeu seu apostolado? Porque o evangelho que ele pregava estava em jogo. Se Paulo não fosse apóstolo de Jesus Cristo, então as pessoas poderiam, e sem dúvida era o que aconteceria, rejeitar o evangelho. Isso ele não poderia suportar. Pois o que Paulo pregava era a mensagem de Cristo sobre a autoridade de Cristo. Por isso ele defendia sua autoridade apostólica – para defender a sua mensagem.

UMA RELIGIÃO DE RESGATE

GÁLATAS 1.3-5

3 vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, 4 que se
entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos resgatar desta presente era
perversa, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, 5 a quem seja a glória para todo
o sempre. Amém.

Como em todas as suas cartas, Paulo envia aos gálatas uma mensagem de graça e paz. Esses não são termos formais e sem sentido. Estão repletos de conteúdo

teológico. Na verdade, resumem o evangelho de salvação de Paulo. A natureza da salvação é paz ou reconciliação – paz com Deus, paz com os outros, paz interior. A fonte da salvação é a graça, o favor gratuito de Deus, independente de mérito ou obra humanos, sua bondade para com os que não merecem. E essa graça e paz fluem do Pai e do Filho juntos.

Paulo imediatamente segue para o grande evento histórico em que a graça de Deus foi exibida e da qual deriva sua paz: a morte de Jesus Cristo na cruz. Embora tenha declarado que Deus Pai ressuscitou Cristo dos mortos, Paulo escreve também que, foi ao se entregar para morrer na cruz, que Cristo nos salvou.

O caráter da morte de Cristo é indicado na expressão “que se entregou a si mesmo por nossos pecados”. A morte de Jesus Cristo não foi, sobretudo, uma demonstração de amor nem um exemplo de heroísmo, mas um sacrifício pelo pecado. A morte de Cristo foi uma oferta pelo pecado, o sacrifício único pelo qual nossos pecados podem ser perdoados e esquecidos. Ele suportou em sua pessoa justa a maldição, ou o julgamento, que os pecados mereciam.

Se a natureza da morte de Cristo na cruz foi “por nossos pecados”, seu objetivo era “nos resgatar desta presente era perversa”. O cristianismo é uma religião de resgate. Do que Cristo nos resgata com sua morte? Não do mundo do mal, mas desta era perversa. Conversão cristã significa ser resgatado da velha era e ser transferido para a nova era, “a era futura”. Vida cristã significa viver nesta época a vida futura. O propósito da morte de Cristo, portanto, não foi apenas para trazer perdão, mas para que, tendo sido perdoados, vivamos uma nova vida, a vida da era futura.

Tanto o resgate da presente era perversa quanto os meios pelos quais ele se deu são “segundo a vontade de nosso Deus e Pai”. Nunca devemos concluir que o Filho se ofereceu para fazer algo contra a vontade do Pai ou que o Pai exigiu que o Filho fizesse algo contra a vontade dele. Na cruz, a vontade do Pai e a vontade

do Filho estavam em perfeita harmonia.

Não é de admirar que Paulo termine a primeira parte da carta com uma oração: “A quem seja a glória [a glória que lhe é devida, a glória que lhe pertence] para todo o sempre. Amém”.

OUTRO EVANGELHO?

GÁLATAS 1.6

6Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho.

Em todas as outras cartas, depois de saudar seus leitores, Paulo continua a orar por eles ou a louvar e agradecer a Deus. Somente na carta aos gálatas não há oração, não há louvor, não há agradecimento e não há recomendação. Em vez disso, ele se volta para o seu tema de uma vez, com uma nota de extrema urgência. Ele expressa espanto com a inconstância e a instabilidade dos gálatas.

Os gálatas são traidores religiosos, desertores espirituais. Estão se afastando daquele que os chamou na graça de Cristo e aceitando outro evangelho. O verdadeiro evangelho é a boa notícia de um Deus que é gracioso com pecadores que não merecem a sua graça. Mas os convertidos da Galácia, que haviam recebido esse evangelho da graça, estavam nesse momento se voltando para outro evangelho, um evangelho de obras.

Os falsos mestres que os estavam influenciando eram, claro, “judaizantes”. Não

negavam que se deve crer em Jesus para obter salvação, mas enfatizavam que é preciso também ser circuncidado e guardar a lei. Em outras palavras, por meio da obediência à lei, é preciso terminar o que Cristo começou. É preciso adicionar as próprias obras à obra de Cristo.

Paulo simplesmente não tolerará essa doutrina. Adicionar méritos humanos ao mérito de Cristo e obras humanas à obra de Cristo? Deus nos livre! A obra de Cristo é uma obra consumada; o evangelho de Cristo é um evangelho de graça gratuita. A salvação é somente pela graça, somente pela fé, sem mistura alguma de obras ou méritos humanos. Deve-se unicamente ao gracioso chamado de Deus, e não a alguma boa obra de nossa parte.

Paulo vai mais longe. Ele diz que a deserção dos gálatas convertidos estava presente na experiência e na teologia deles.

Ele os acusa, não de abandonar o evangelho da graça por outro evangelho, mas de "[abandonar] aquele que os chamou" pela graça. Teologia e experiência, fé cristã e vida cristã, pertencem uma à outra e não podem ser separadas. Que os gálatas cuidem para ver quem tão rápida e imprudentemente começou a se desviar. É impossível abandonar o evangelho sem abandonar Deus. Desviar-se do evangelho da graça é desviar-se do Deus da graça.

FALSO ENSINO CAUSA TUMULTO

GÁLATAS 1.7

7que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo.

Falsos mestres colocaram as congregações gálatas em um estado de turbulência – confusão intelectual, de um lado, e facções em conflito, do outro. É interessante que o Concílio de Jerusalém, o qual provavelmente se reuniu logo depois de Paulo ter escrito essa carta, use o mesmo verbo na carta às igrejas: “Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram, transtornando a mente de vocês com o que disseram” (At 15.24).

Esse transtorno foi causado por falsas doutrinas. Os judaizantes estavam tentando “perverter” o evangelho de Cristo. Não estavam apenas corrompendo o evangelho, mas invertendo-o, virando-o do avesso e de cabeça para baixo. Não se pode modificar ou suplementar o evangelho sem mudar radicalmente o seu caráter.

Então, as duas principais características dos falsos mestres são que eles estavam perturbando a igreja e modificando o evangelho. Essas duas ações andam juntas. Adulterar o evangelho implica perturbar a igreja. Não se pode tocar o evangelho e deixar a igreja intocada, porque a igreja é criada e vive pelo evangelho.

De fato, os maiores perturbadores da igreja (tanto hoje como na época) não são os de fora que se opõem a ela, ridicularizam-na e perseguem-na, mas os de dentro que tentam modificar o evangelho. São eles que a perturbam. Por outro lado, a única maneira de ser um bom cristão da igreja é ser um bom cristão do evangelho. A melhor maneira de servir à igreja é crer no evangelho e pregá-lo.

SOB A MALDIÇÃO DE DEUS

GÁLATAS 1.8-9

[8]Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! [9]Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!

Depois de ficar completamente espantado, a segunda reação de Paulo à situação na Galácia foi de indignação com os falsos mestres. Nesse momento, ele pronuncia uma maldição solene contra eles. A palavra grega traduzida por “seja amaldiçoado” é anátema. Foi usada no Antigo Testamento grego como referência à execração divina, a maldição de Deus que repousava sobre toda coisa ou pessoa destinada por ele à destruição. O apóstolo Paulo deseja que os falsos mestres estejam sob a execração – maldição – divina ou sejam anátemas, isto é, ele expressa o desejo de que o julgamento de Deus venha sobre eles.

Devemos desconsiderar esse anátema como um acesso de raiva intempestivo? Devemos rejeitá-lo como um sentimento inconsistente com o Espírito Santo e indigno do evangelho de Cristo? Pelo menos duas considerações indicam que esse anátema apostólico não era a expressão da ira pessoal de Paulo em relação aos mestres rivais.

A primeira consideração é que a maldição do apóstolo, ou a maldição de Deus que o apóstolo deseja, é universal em amplitude. Ela repousa sobre todo mestre que distorce a essência do evangelho e propaga essa distorção. Paulo até deseja que a maldição de Deus caia sobre si mesmo, caso seja culpado de perverter o evangelho. A segunda consideração é que sua maldição é proferida a Deus de maneira deliberada e com responsabilidade consciente. Paulo expressa seu anátema com imparcialidade (quem quer que os mestres possam ser) e de modo deliberado (na presença de Cristo, seu Senhor).

Por que Paulo ficou tão incomodado e usou uma linguagem tão drástica? Duas razões são claras. A primeira é que a glória de Cristo estava em jogo. Tornar as obras humanas necessárias para a salvação, ainda que como complemento da

obra de Cristo, é algo que ofende a obra consumada de Cristo. Implica que esta foi, de algum modo, insatisfatória e que as pessoas precisam adicionar feitos a ela e melhorá-la. A segunda razão é que o destino da alma das pessoas também estava em jogo. Paulo não estava escrevendo sobre alguma doutrina trivial, mas sobre algo fundamental para o evangelho. Tampouco estava falando dos que meramente têm falsas visões, mas daqueles que as ensinam e enganam os outros com seus ensinamentos.

Para muitos é inconcebível que desejemos que os falsos mestres sejam amaldiçoados e tratados como tal pela igreja. Mas, se nos importássemos mais com a glória de Cristo e com o destino da alma das pessoas, também não conseguiríamos suportar a corrupção do evangelho da graça.

CONTEÚDO E ORIGEM

GÁLATAS 1.10-12

10 Acaso busco eu agora a aprovação dos homens ou a de Deus? Ou estou
tentando agradar a homens? Se eu ainda estivesse procurando agradar a homens,
não seria servo de Cristo. 11 Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim
anunciado não é de origem humana. 12 Não o recebi de pessoa alguma nem me foi
ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação.

Parece que os críticos de Paulo o acusaram de ser alguém que, para agradar o público, adapta a mensagem. Mas uma vez que Paulo é, em primeiro lugar, um servo de Jesus Cristo, sua ambição é agradar a Cristo, não às pessoas. É, portanto, como “servo de Cristo”, responsável perante seu Senhor divino, que tenha medido suas palavras e ousado pronunciar seu anátema solene.

Paulo insiste que existe apenas um evangelho e que ele não muda. Certamente há diferentes evangelhos sendo pregados, mas é isto que eles são: diferentes. A mensagem dos falsos mestres não era um evangelho alternativo; era um evangelho distorcido.

Como podemos reconhecer o verdadeiro evangelho? Paulo dá as marcas dele. Elas dizem respeito ao seu conteúdo (o que é) e à sua fonte (de onde vem).

O verdadeiro evangelho é o da graça, do favor gratuito e imerecido de Deus. Toda vez que pregadores começam a exaltar a humanidade, sugerindo que podemos contribuir para a salvação por meio de princípios morais, religião, filosofia ou respeitabilidade, o evangelho da graça está sendo corrompido. O verdadeiro evangelho exalta a graça de Deus.

O segundo teste diz respeito à origem do evangelho. O verdadeiro evangelho é o dos apóstolos de Jesus Cristo – o evangelho do Novo Testamento. O critério pelo qual testamos todos os sistemas e opiniões é o evangelho primitivo, o qual os apóstolos pregaram e que está registrado no Novo Testamento.

Mas onde Paulo conseguiu esse maravilhoso evangelho? Era fruto de sua mente fértil? Ele o inventou? Ou era algo requentado, sem autoridade original? Ele o copiou dos outros apóstolos em Jerusalém, que os judaizantes claramente sustentavam?

A resposta de Paulo a essas perguntas é encontrada nos versículos 11 e 12: “Eu preguei esse evangelho”, poderia dizer Paulo, “mas não o inventei. Nem recebi de outros, como se já fosse uma tradição aceita transmitida por uma geração anterior. Nem me foi ensinado, como se eu o tivesse aprendido com mestres humanos”. Ao contrário, “ele veio por revelação de Jesus Cristo”.

Se no versículo 1 Paulo afirmou a origem divina de sua comissão apostólica, agora ele afirma a origem divina do evangelho apostólico. Nem sua missão nem sua mensagem provêm de seres humanos; ambas vieram a ele diretamente de Deus e de Jesus Cristo. Ele está afirmando que sua mensagem não é sua, mas de Deus; que seu evangelho não é seu, mas de Deus; que suas palavras não são suas, mas de Deus.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 1.1-12

PARA RESPONDER

Como você testa a verdade do que ouve de figuras públicas, de seu pastor e de outros mestres cristãos?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 1.1-12.

Quais são os principais temas que surgem nos versículos 1-5 em resposta à controvérsia com os falsos mestres?

À luz da controvérsia, por que foi importante para Paulo dizer que ele é um apóstolo “enviado, não da parte de homens nem por meio de pessoa alguma, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai”?

Faça um resumo do evangelho baseado nos versículos 1-5.

Em outras cartas, depois de saudar os leitores, Paulo continua a orar por eles ou a exaltar e agradecer a Deus. Em contrapartida, o que ele faz na carta aos gálatas?

A palavra grega no versículo 6 usada para “abandonar” significa “transferir a lealdade”. É usada como referência a soldados do exército que se revoltam ou desertam e àqueles que mudam de lado na política ou na filosofia. Como o termo é apropriado para descrever os gálatas?

Os falsos mestres estavam tentando “perverter” o evangelho (v. 7) ou, de acordo com o grego, “inverter” completamente o significado dele. Portanto, os gálatas estavam abandonando o evangelho da graça por um evangelho de obras. Crie um quadro contrastando essas duas maneiras de pensar – graça e obras – conforme você as entende.

Como você explica as fortes palavras de Paulo contra os mestres nos versículos 8-9?

Os versículos 8-9 dizem que devemos julgar o mestre pelo evangelho, e não julgar o evangelho pelo mestre. Por que tal distinção é importante?

Por que Paulo faz uma observação no versículo 10 que o exime da responsabilidade?

Segundo a visão popular, muitos caminhos levam a Deus, e o evangelho muda com a mudança dos anos. Como você poderia argumentar contra isso usando a perspectiva de Paulo na passagem bíblica estudada?

PARA APLICAR

Quem você conhece que está sendo influenciado por falsos ensinos, e como você pode ajudar essa pessoa?

Em que situação você é propenso a julgar o evangelho de acordo com o mestre, em vez de julgar o mestre de acordo com o evangelho?

2 GÁLATAS 1.13–2.10

MUDANÇA RADICAL

DEUS TRANSFORMA UM FANÁTICO

GÁLATAS 1.13-16

13 Vocês ouviram qual foi o meu procedimento no judaísmo, como perseguia com
violência a igreja de Deus, procurando destruí-la. 14 No judaísmo, eu superava a
maioria dos judeus da minha idade, e era extremamente zeloso das tradições dos
meus antepassados. 15 Mas Deus me separou desde o ventre materno e me
chamou por sua graça. Quando lhe agradou 16 revelar o seu Filho em mim para
que eu o anunciasse entre os gentios, não consultei pessoa alguma.

Tendo feito notável alegação de uma revelação direta de Deus sem meios humanos, Paulo passa a provar isso a partir da história, isto é, dos fatos de sua autobiografia. A situação antes da conversão, na conversão e depois dela era tal que ele claramente não recebeu o evangelho de algum ser humano, mas diretamente de Deus.

O apóstolo descreve seu estado no judaísmo antes de sua conversão, enquanto ainda praticava a religião judaica. Sabemos bem como ele era naqueles dias. Ele menciona dois aspectos de seus dias como um homem não regenerado: a perseguição à igreja, que ele agora sabe ser “a igreja de Deus”, e o entusiasmo pelas tradições religiosas judaicas. Segundo ele, em ambos ele era fanático.

Considere a perseguição de Paulo à igreja. Ele perseguiu a igreja de Deus “com violência”. A expressão indica a fúria, até a selvageria, com a qual ele começou esse trabalho sombrio. Não satisfeito com sua perseguição à igreja, ele estava, de fato, empenhado em destruí-la.

Ele era igualmente fanático no entusiasmo pelas tradições judaicas. “No judaísmo, eu superava a maioria dos judeus da minha idade, e era extremamente zeloso das tradições dos meus antepassados.” Ele havia sido educado de acordo com o grupo mais restrito da religião judaica, ou seja, como fariseu, e era assim que ele vivia.

Portanto, antes da conversão, Saulo de Tarso era intolerante e fanático, sincero na devoção ao judaísmo e na perseguição a Cristo e à igreja. Um homem nesse estado mental e emocional não está disposto a mudar de ideia ou deixar que outros a mudem. Nenhum reflexo condicionado ou outro dispositivo psicológico poderia converter um homem nesse estado. Somente Deus poderia alcançá-lo – e ele o fez!

O contraste entre os versículos 13 e 14, por um lado, e os versículos 15 e 16, por outro, é drasticamente abrupto. Nos versículos 13 e 14, Paulo fala sobre si próprio: “Eu persegui a igreja de Deus, eu tentei destruí-la, eu progredi no judaísmo, eu fui extremamente zeloso”. Mas nos versículos 15 e 16 ele começa a falar de Deus. Foi Deus que “me separou desde o ventre materno”, Deus que “me chamou por sua graça” e a Deus “agradou revelar o seu Filho em mim”. Em outras palavras, “em meu fanatismo, eu estava inclinado a um curso de perseguição e destruição, mas Deus (que deixei de fora de meus cálculos) me deteve e mudou meu curso desenfreado. Todo o meu grande fanatismo não foi páreo para o agrado de Deus”.

UM EVANGELHO INDEPENDENTE

GÁLATAS 1.17-24

17 Tampouco subi a Jerusalém para ver os que já eram apóstolos antes de mim,
mas de imediato parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco. 18 Depois de
três anos, subi a Jerusalém para conhecer Pedro pessoalmente, e estive com ele
quinze dias. 19 Não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser Tiago, irmão do
Senhor. 20 Quanto ao que lhes escrevo, afirmo diante de Deus que não minto. 21 A
seguir, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. 22 Eu não era pessoalmente
conhecido pelas igrejas da Judeia que estão em Cristo. 23 Apenas ouviam dizer:
"Aquele que antes nos perseguia, agora está anunciando a fé que outrora
procurava destruir". 24 E glorificavam a Deus por minha causa.

Paulo apresenta uma série de três "álibis" para provar que não passou tempo em Jerusalém, tendo seu evangelho moldado por outros apóstolos.

Álibi n° 1: Ele foi para a Arábia (v. 17). De acordo com Atos 9.20, Paulo passou pouco tempo pregando em Damasco, o que sugere que seu evangelho estava, suficiente e claramente, definido para que ele o anunciasse. Mas deve ter sido logo depois que ele foi para a Arábia, provavelmente em busca de tranquilidade e solidão. Ele parece ter ficado lá por três anos. Durante esse período de retiro, enquanto ele meditava nas Escrituras do Antigo Testamento, no que já sabia sobre Jesus e em sua experiência de conversão, o evangelho da graça de Deus lhe foi revelado em plenitude.

Álibi n° 2: Ele subiu a Jerusalém mais tarde e brevemente (v. 18-20). Paulo é bastante franco sobre a visita a Jerusalém, mas ele faz pouco disso. Ela não era tão significativa quanto os falsos mestres estavam sugerindo. Por um lado, aconteceu depois de três anos, o que quase certamente significa três anos após sua conversão. Naquela época, seu evangelho já estaria totalmente formulado. Além disso, quando chegou a Jerusalém, ele viu apenas dois dos apóstolos,

Pedro e Tiago. Terceiro, ele ficou em Jerusalém por apenas quinze dias. É claro que, em quinze dias, os apóstolos teriam tido algum tempo para falar sobre Cristo. Mas o argumento de Paulo é que ele não teve tempo para absorver de Pedro todo o conselho de Deus. Aliás, esse não era o propósito de sua visita. Grande parte dessas duas semanas em Jerusalém, vemos em Atos 9.28-29, foi dedicada à pregação.

Álibi nº 3: Ele foi para a Síria e para a Cilícia (v. 21-24). Essa visita ao extremo norte corresponde a Atos 9.30, que diz que Paulo, cuja vida já estava em perigo, foi levado pelos cristãos para Cesareia e depois enviado a Tarso, na Cilícia. Uma vez que ele afirma ter ido para a Síria também, ele pode ter visitado Damasco novamente e passado por Antioquia a caminho de Tarso. O que Paulo está dizendo é que ele estava no extremo norte, longe de Jerusalém.

Como veremos em Gálatas 2.1, só catorze anos após sua conversão é que Paulo voltou a Jerusalém e teve uma conversa mais prolongada com os outros apóstolos. Nessa ocasião, seu evangelho estava plenamente desenvolvido. Durante o período de catorze anos entre sua conversão e essa conversa com os apóstolos, Paulo fez apenas uma breve e insignificante visita a Jerusalém. O resto do tempo ele passou na distante Arábia, Síria e Cilícia. Seus álibis provaram a independência de seu evangelho.

UMA CONVERSA FUNDAMENTAL

GÁLATAS 2.1-2

[1]Catorze anos depois, subi novamente a Jerusalém, dessa vez com Barnabé, levando também Tito comigo. [2]Fui para lá por causa de uma revelação e expus diante deles o evangelho que prego entre os gentios, fazendo-o, porém, em particular aos que pareciam mais influentes, para não correr ou ter corrido inutilmente.

Aonde quer que Paulo fosse, os falsos mestres seguiam seus passos. Nem bem implantava o evangelho em alguma localidade, eles começavam a perturbar a igreja, pervertendo-a. Além disso, a fim de desacreditarem a mensagem de Paulo, eles também desafiavam sua autoridade.

Os opositores de Paulo têm muitos sucessores na igreja cristã hoje. Eles dizem que não precisamos prestar muita atenção no que ele escreveu. Eles esquecem ou negam que ele foi um apóstolo de Jesus Cristo, chamado de forma singular, comissionado, autorizado e inspirado a ensinar em nome de Jesus.

Uma das maneiras pelas quais os falsos mestres da época de Paulo tentavam enfraquecer a autoridade do apóstolo era sugerir que o evangelho dele era diferente do evangelho de Pedro e, de fato, das visões de todos os outros apóstolos em Jerusalém. Eles tentavam abalar a unidade do círculo apostólico.

Paulo já mostrou que seu evangelho vinha de Deus, não de mestres humanos. Ele agora demonstra que seu evangelho é exatamente o mesmo que o dos outros apóstolos. Para provar que seu evangelho é idêntico ao deles, ele enfatiza que, quando fez uma visita apropriada a Jerusalém, seu evangelho foi endossado e aprovado por eles. Há dois aspectos importantes nessa visita: os companheiros e a mensagem de Paulo.

Os companheiros de Paulo eram Barnabé e Tito. O que é particularmente notável é que Barnabé era judeu, enquanto Tito era grego. Ou seja, Tito era um gentio incircunciso, sendo ele mesmo fruto da missão gentílica que estava em questão e que os judaizantes desafiavam.

Sua mensagem, o evangelho que pregava aos gentios, Paulo agora expõe aos

outros apóstolos. Ele diz que fez isso “para não correr ou ter corrido inutilmente”. Não tinha dúvidas ou receios pessoais em relação ao seu evangelho e não precisava da confirmação dos outros apóstolos de Jerusalém, pois ele o estava pregando havia catorze anos. Mas Paulo não queria que seu ministério, passado e presente, se tornasse infrutífero por causa dos judaizantes. Foi para derrubar a influência deles, não para fortalecer sua própria convicção, que ele expôs seu evangelho aos apóstolos de Jerusalém.

Era uma situação tensa e decisiva, uma ocasião repleta de grande perigo e igualmente uma grande possibilidade para a história subsequente da igreja cristã. Qual seria a reação dos apóstolos em Jerusalém à companhia e à missão gentílica de Paulo? A liberdade com a qual Cristo nos libertou seria mantida, ou a igreja estaria condenada à servidão e à esterilidade?

UMA VITÓRIA DA LIBERDADE

GÁLATAS 2.3-5

3 Mas nem mesmo Tito, que estava comigo, foi obrigado a circuncidar-se, apesar
de ser grego. 4 Essa questão foi levantada porque alguns falsos irmãos
infiltraram-se em nosso meio para espionar a liberdade que temos em Cristo
Jesus e nos reduzir à escravidão. 5 Não nos submetemos a eles nem por um
instante, para que a verdade do evangelho permanecesse com vocês.

Foi um passo ousado de Paulo levar Tito consigo para Jerusalém. Introduzir um gentio na sede da igreja de Jerusalém poderia ser interpretado como um ato deliberado de provocação. De certo modo, é provável que tenha sido, embora o motivo de Paulo não fosse esse. Não foi para suscitar contendas que ele levou Tito consigo, mas para estabelecer a verdade do evangelho. Essa verdade é que judeus e gentios são aceitos por Deus nos mesmos termos, ou seja, mediante a fé em Jesus Cristo, e devem, portanto, ser aceitos pela igreja sem discriminação

alguma entre eles.

A questão foi apresentada e a verdade, estabelecida: “Nem mesmo Tito, que estava comigo, foi obrigado a circuncidar-se, apesar de ser grego”. No entanto, a vitória não foi conquistada sem uma batalha, pois foi exercida forte pressão sobre Paulo para circuncidar Tito. Isso veio de “falsos cristãos”, quase certamente judaizantes, e Paulo tem palavras severas sobre eles: “Infiltraram-se em nosso meio.” Isso pode significar que eles não deveriam estar na comunhão da igreja, ou que haviam aparecido sem ser convidados na conferência privada com os apóstolos. Em ambos os casos, na opinião de Paulo, eles eram espiões. Em particular, eles tentaram insistir em que Tito fosse circuncidado. Era isso que os judaizantes defendiam, pois seu slogan é dado em Atos 15.1: “Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos”.

Paulo enxergou o dilema claramente. Não era apenas uma questão de circuncisão e incircuncisão, de costumes gentios e judeus. Era um specto de fundamental importância em relação à verdade do evangelho, da liberdade cristã versus a escravidão. O cristão foi libertado da lei o sentido de que nossa aceitação diante de Deus depende inteiramente da graça dele, recebida pela fé, na morte de Jesus Cristo. Introduzir as obras da lei e fazer com que a aceitação dependa de nossa obediência às regras e aos regulamentos era submeter novamente uma pessoa livre à escravidão. Tito era um precedente desse princípio. Ele era um gentio incircunciso, mas um cristão convertido. Tendo crido em Jesus, ele havia sido aceito por Deus em Cristo, e isso, disse Paulo, era suficiente.

O EVANGELHO DE PAULO É CONFIRMADO

GÁLATAS 2.6-9a

6Quanto aos que pareciam influentes – o que eram então não faz diferença para

mim; Deus não julga pela aparência – tais homens influentes não me acrescentaram nada. 7Ao contrário, reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos. 8Pois Deus, que operou por meio de Pedro como apóstolo aos circuncisos, também operou por meu intermédio para com os gentios. 9Reconhecendo a graça que me fora concedida, Tiago, Pedro e João, tidos como colunas, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão.

Como vimos, Paulo teve uma reunião particular com os apóstolos de Jerusalém. Eles são identificados pelo nome: Tiago, o irmão do Senhor, Pedro e João.

Em outras passagens desse parágrafo, no entanto, Paulo usa expressões indiretas para descrever esses apóstolos. São os “líderes da igreja” (v. 2, NTLH), “que pareciam influentes” (v. 6) e eram “tidos como colunas” (v. 9). Em cada caso, Paulo faz alusão aos apóstolos de acordo com a reputação deles. Ele não está sendo depreciativo a respeito deles, pois já os reconheceu em Gálatas 1.17 como “os que já eram apóstolos antes de mim”, e diz aqui que eles lhe “estenderam a mão direita [...] em sinal de comunhão”.

Por que, então, Paulo se refere a eles dessa forma indireta? Provavelmente suas expressões foram influenciadas pelo fato de que os judaizantes supervalorizavam a posição dos apóstolos de Jerusalém à custa dele. Talvez os falsos cristãos estivessem chamando a atenção para o que consideravam as qualificações superiores de Tiago, Pedro e João – que Tiago era um dos irmãos do Senhor, e que Pedro e João pertenciam ao círculo interno dos três. Além disso, eles conheceram o Jesus encarnado, o que Paulo provavelmente não conheceu. Paulo não quer desrespeitar ou negar a autoridade apostólica deles. Ele simplesmente indica que, embora aceite o ofício deles como apóstolos, não se deixa intimidar por quem eles são, uma vez que é isso que os judaizantes estavam inflando.

Paulo menciona dois resultados da reunião com os apóstolos de Jerusalém.

Primeiro, “não me acrescentaram nada”. Em outras palavras, eles não acharam o evangelho de Paulo defeituoso ou incompleto. É como se Paulo escrevesse aos gálatas: “O evangelho que estou pregando hoje não foi alterado pelos apóstolos de Jerusalém. É o mesmo que preguei antes de estar com eles. É o evangelho que preguei a vocês, e vocês receberam. Não acrescentei nada, não subtraí nada, não mudei nada. São vocês, gálatas, não eu, que estão abandonando o evangelho”.

Segundo, “estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão”. Reconheceram que o mesmo evangelho havia sido confiado a eles e a Paulo. A única diferença entre eles era que a eles haviam sido designadas diferentes esferas para pregá-lo. Atuando em diferentes áreas de influência, eles ainda desfrutariam da comunhão comum em Cristo.

APÓSTOLOS EM CONCORDÂNCIA

GÁLATAS 2.9b-10

9 Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos
circuncisos. 10 Somente pediram que nos lembrássemos dos pobres, o que me
esforcei por fazer.

Das referências aos gentios e aos “circuncisos” (judeus) nos versículos 8-9, não devemos imaginar que haja dois evangelhos, um para os gentios e outro para os judeus. Existe um evangelho, mas diferentes apóstolos foram chamados para levá-lo a diferentes esferas de influência. Os apóstolos de Jerusalém concordaram que Paulo e seus companheiros deveriam evangelizar principalmente nas áreas dos gentios, enquanto eles evangelizavam principalmente seus semelhantes judeus.

Eles também acrescentaram que queriam que Paulo e Barnabé “[se lembrassem] dos pobres”, as igrejas paupérrimas da Judeia, o que Paulo já “[se esforçou] por fazer”. Como já vimos, foi principalmente para o alívio da fome que ele e Barnabé estiveram em Jerusalém naquela época. E ele continuou a cuidar dos pobres nos anos seguintes. Exortou as igrejas gentílicas mais ricas da Macedônia e da Acaia para que sustentassem as igrejas mais pobres da Judeia, e considerou a dádiva delas como um meio de promover e demonstrar a solidariedade entre judeus e gentios na comunhão da igreja cristã.

Olhando para o primeiro parágrafo de Gálatas 2, aprendemos que, na segunda visita a Jerusalém, Paulo encontrou dois grupos cuja atitude para com ele era completamente diferente. Os falsos cristãos, que discordavam de seu evangelho e de sua política, tentaram obrigar Tito a ser circuncidado. Paulo se recusou a se submeter a eles. Os apóstolos, por sua vez, reconheceram a verdade do evangelho de Paulo e estenderam-lhe a mão em sinal de confirmação.

No Novo Testamento, os apóstolos de Jesus Cristo não se contradizem. Certamente há diferenças de estilo entre eles, porque sua inspiração não anulou a personalidade de cada um. Há também diferenças de ênfase, porque eles foram chamados para diferentes esferas e pregaram ou escreveram para diferentes públicos. Eles tinham comissões diferentes, mas uma mensagem comum.

Se existe apenas um evangelho no Novo Testamento, existe apenas um evangelho para a igreja. Seja ele pregado para jovens ou idosos, para Oriente ou Ocidente, para judeus ou gentios, para cultos ou incultos, para cientistas ou não cientistas, embora sua apresentação possa variar, sua essência é a mesma: a fé apostólica, um conjunto reconhecível de doutrinas ensinadas pelos apóstolos de Jesus Cristo e preservadas para nós no Novo Testamento.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 1.13–2.10

PARA RESPONDER

Quando alguém que você conhece sofre uma mudança radical, que perguntas essa pessoa levanta para você?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 1.13–2.10.

Quais eram as motivações na vida de Paulo antes de sua conversão?

Como a vida de Paulo, antes da conversão, acrescenta peso à sua afirmação de que seu evangelho vinha de Deus?

Que medidas Paulo adotou para evitar deliberadamente a influência humana sobre o evangelho?

No início da vida cristã, Paulo não evitou totalmente outros cristãos, mas restringiu seus contatos. O que essa cautela trouxe para sua vida?

Dada sua reputação, como Paulo poderia esperar que as igrejas respondessem a ele como um suposto novo convertido?

Que significado você vê no fato de que os cristãos na Judeia “glorificavam a Deus [por causa de]” Paulo, em vez de elogiá-lo?

Por que convinha que Paulo mantivesse sua reunião com os apóstolos em particular?

O que é importante em relação à resposta dos apóstolos a Tito?

Paulo afirma que ceder aos falsos mestres significaria um retorno à escravidão. Em que sentidos um cristão poderia se tornar escravo?

Do que os apóstolos em Jerusalém tinham de se convencer para aceitar a pregação de Paulo?

Qual significado você encontra no fato de que os apóstolos aceitaram o ministério de Paulo quando viram a graça que lhe foi dada (v. 9), em vez de virem seu poder de persuasão, inteligência ou habilidades para pregar?

Cite algumas das versões distorcidas do evangelho que você já ouviu, e como

você descobriu que essas versões alteravam o verdadeiro evangelho.

PARA APLICAR

Pense em alguns grupos de cristãos cujo estilo irrita-o profundamente. Como a percepção de que existe apenas um evangelho ajuda você a aceitá-los?

Pense em alguns grupos de cristãos que optam por enfatizar aspectos que você não julga fundamentais. Como a percepção de que existe apenas um evangelho influencia seu modo de compreendê-los?

3 GÁLATAS 2.11-21

ENFRENTANDO CONFLITOS

UM ENCONTRO DRAMÁTICO

GÁLATAS 2.11-13

11 Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude
condenável. 12 Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com
os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios,
temendo os que eram da circun-cisão. 13 Os demais judeus também se uniram a
ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar.

Este é um dos episódios mais tensos e dramáticos do Novo Testamento.Aqui estão dois dos principais apóstolos de Jesus Cristo face a face, em um verdadeiro conflito aberto.

Tanto Paulo como Pedro eram homens cristãos, homens de Deus, que sabiam o que é ser perdoado por meio de Cristo e receber o Espírito Santo. Além disso, ambos eram apóstolos de Jesus Cristo, especialmente chamados, comissionados e revestidos de autoridade por ele. Ambos eram honrados nas igrejas por sua liderança. Ambos haviam sido poderosamente usados por Deus. De fato, o livro de Atos é praticamente dividido ao meio por eles, sendo que a primeira parte conta a história de Pedro, e a segunda parte a história de Paulo.

Contudo, o apóstolo Paulo está se opondo ao apóstolo Pedro diretamente, contradizendo-o, repreendendo-o, condenando-o, porque Pedro se retirou, se separou dos cristãos gentios e já não comia com eles. Não era que Pedro tivesse negado o evangelho em seus ensinamentos, pois Paulo se esforçou para mostrar que ele e os apóstolos de Jerusalém estavam de acordo no entendimento do evangelho. A ofensa de Pedro contra o evangelho estava em sua conduta.

Quando chegou a Antioquia, Pedro comia com cristãos gentios. Seus velhos escrúpulos judaicos haviam sido superados. Ele não se considerava de modo algum corrompido ou contaminado pelo contato com cristãos gentios incircuncisos, como teria pensado no passado.

Então, um dia, um grupo vindo de Jerusalém chegou a Antio-quia, passando-se por apóstolos. Esses mestres judaizantes ganharam um notável convertido na pessoa do apóstolo Pedro, pois ele, que havia comido com os cristãos gentios, agora havia se retirado e se separado deles. Ele parece ter tomado essa atitude por vergonha.

A acusação de Paulo é séria, mas simples. É que Pedro e os outros agiram de forma insincera, e não por convicção pessoal. O fato de se retirarem da comunhão à mesa com os cristãos gentios não foi motivado por algum princípio teológico, mas pelo medo covarde de sofrerem pressão de um pequeno grupo.

Se Paulo não tivesse adotado uma postura firme com Pedro nessa ocasião, toda a igreja cristã teria se arrastado para um comodismo judaico e estagnado, ou teria havido uma ruptura permanente entre os cristãos gentios e os cristãos judeus. A coragem notável de Paulo, naquela ocasião, em resistir a Pedro preservou tanto a verdade do evangelho como a comunhão internacional da igreja.

CONFRONTO CORAJOSO

GÁLATAS 2.14

14Quando vi que não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho,
declarei a Pedro, diante de todos: “Você é judeu, mas vive como gentio e não
como judeu. Portanto, como pode obrigar gentios a viverem como judeus?”.

Paulo não tentou de modo algum esconder seu conflito com Pedro nem providenciar uma discussão privada, em que o público e a imprensa ficassem de fora. A conversa em Jerusalém foi privada, mas o confronto em Antioquia teve de ser público. O fato de Pedro se retirar do meio dos cristãos gentios causou um escândalo público; Paulo teve de se opor em público também. Era exatamente o tipo de conflito direto que a igreja de hoje procuraria evitar a qualquer preço.

Paulo agiu dessa maneira por uma profunda preocupação com o princípio que faltava a Pedro. Paulo sabia que o princípio teológico em jogo não era trivial. Pedro e seus companheiros não estavam agindo “de acordo com a verdade do evangelho”. E qual é a verdade do evangelho? São as boas novas de que nós, pecadores, culpados e sob o juízo de Deus, podemos ser perdoados e aceitos por sua pura graça, seu livre e imerecido favor, por causa da morte de seu filho, e não por obras ou méritos próprios. Mais resumidamente, a verdade do evangelho é a doutrina da justificação (que significa aceitação diante de Deus) pela graça, mediante a fé, e nada mais. Paulo não tolerará desvio algum desse evangelho.

Se Deus justifica judeus e gentios igualmente, mediante a simples fé no Cristo crucificado, e não vê diferença entre eles, quem somos nós para evitar a comunhão com cristãos gentios, a menos que sejam circuncidados? Como ousamos impor-lhes uma condição que Deus não impõe? Se Deus os aceitou, como podemos rejeitá-los?

Ainda hoje vários cristãos repetem o erro de Pedro. Eles se recusam a ter comunhão com cristãos professos, exceto se esses cristãos tenham sido batizados de uma maneira específica, tenham sido confirmados por certas autoridades eclesiásticas, sua pele tenha uma cor particular, ou eles pertençam a uma classe social (geralmente a mais alta) e assim por diante.

Tudo isso é uma grave afronta ao evangelho. A justificação é somente pela fé; não temos o direito de acrescentar um modo particular de batismo, confirmação ou alguma condição denomi-nacional, racial ou social. Deus não insiste nessas questões antes de nos aceitar na comunhão; assim, também não devemos insistir nelas. A única barreira à comunhão com Deus e, portanto, uns com os outros, é a incredulidade, a falta da fé salvífica em Jesus Cristo.

JUSTIFICADO PELA FÉ

GÁLATAS 2.15-16a

15Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, 16sa-bendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus. [ARA]

No trecho acima, a palavra justificado aparece pela primeira vez em Gálatas. Quem não entende o significado dela não entendeu o cristianismo. Nesse parágrafo, Paulo revela a grande doutrina da justificação pela fé: são as boas novas de que homens e mulheres pecadores podem ser aceitos por Deus, não por causa de obras, mas pelo simples fato de crerem em Jesus Cristo.

Paulo faz um contraste entre a doutrina dos judaizantes – a justificação pelas obras da lei – e a doutrina dos apóstolos – a justificação pela fé. Com “lei”,

Paulo se refere à totalidade dos mandamentos de Deus, e com “obras da lei”, ele se refere aos atos realizados em obediência a ela. Os judeus acreditavam que poderiam ser justificados por esse meio. O mesmo acontecia com os judaizantes, que professavam crer em Jesus, mas queriam que todos seguissem também a Moisés. Se a pessoa fizer tudo que a lei ordena e abster-se de tudo que a lei proíbe, ela será aprovada.

Essa era a posição do judeu e do judaizante, a religião da pessoa comum antigamente e desde então. É o princípio fundamental de todo sistema religioso e moral do mundo, exceto o cristianismo do Novo Testamento. É popular porque é agradável. Diz que, se tão somente nos esforçarmos, conseguiremos a salvação.

Mas é tudo uma ilusão. Ninguém jamais foi justificado pelas obras da lei, porque ninguém jamais cumpriu perfeitamente a lei. Podemos cumprir exteriormente alguns requisitos da lei, mas ninguém, exceto Jesus Cristo, jamais cumpriu todos eles. Se sondarmos nosso coração, lermos nossos pensamentos e examinarmos nossos motivos, descobriremos que violamos todas as leis de Deus.

O segundo meio alternativo de justificação é “mediante a fé em Cristo Jesus”. Jesus veio ao mundo para viver e morrer. Durante sua vida, sua obediência à lei foi perfeita. Em sua morte, ele sofreu por nossa desobediência. Ele viveu a única vida de pura obediência à lei que já foi vivida. Na cruz, ele morreu por nossas transgressões, uma vez que a penalidade pela desobediência à lei era a morte.

Tudo que é exigido de nós para que sejamos justificados, portanto, é reconhecer nosso pecado e nossa impotência, arrepender-nos da autoafirmação e do farisaísmo e depositar toda a confiança em Jesus Cristo para nos salvar. “Fé em Jesus Cristo” não é apenas convicção intelectual, mas comprometimento pessoal. É um ato de compromisso, não somente concordar com o fato de que Jesus viveu e morreu, mas voltar-se para ele em busca de refúgio e pedir-lhe misericórdia.

UMA ÊNFASE TRIPLA

GÁLATAS 2.16b

16Assim, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pela prática da Lei, porque pela prática da Lei ninguém será justificado.

No versículo 16, Paulo faz uma enfática afirmação tripla, cuja intenção é não deixar dúvidas sobre a justificação pela fé. A repetição não é exata nem monótona, pois há uma ênfase que vai se ampliando – primeiro geral, depois pessoal e, por fim, universal.

A primeira afirmação é geral: “Ninguém é justificado pela prática da Lei, mas mediante a fé em Jesus Cristo” (v. 16a). Paulo não tem alguém em particular em mente; ele é deliberadamente vago. Além disso, ele diz: “Sabemos”, não oferecendo uma opinião hesitante, mas uma afirmação dogmática. O plural [implícito] “sabemos” significa que os apóstolos Pedro e Paulo sabem disso; eles estão unidos na convicção sobre a natureza do evangelho.

A segunda afirmação é pessoal. Não apenas “sabemos”, mas “nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo”. Isto é, a certeza sobre o evangelho é mais do que intelectual; nós o provamos em nossa experiência. Esse é um acréscimo importante, pois mostra que Paulo está propondo uma doutrina que ele próprio colocou à prova. “Sabemos disso”, diz ele, “e nós mesmos cremos em Cristo, a fim de provarmos isso”.

A terceira afirmação é universal. O princípio teológico e a experiência pessoal são confirmados pela Escritura. O apóstolo cita a afirmação categórica de

Salmos 143.2, como fará novamente em Romanos 3.20. Qualquer que seja nossa formação religiosa e educacional, posição social ou origem racial, o caminho da salvação é o mesmo. Ninguém pode ser justificado pelas obras da lei; tudo deve ser justificado pela fé em Cristo.

É difícil encontrar uma declaração mais contundente acerca da doutrina da justificação do que essa. Ela é sustentada pelos dois principais apóstolos, confirmada pela experiência deles e endossada pelas sagradas Escrituras do Antigo Testamento. Com essa garantia tripla, devemos aceitar a doutrina bíblica da justificação e não deixar que o moralismo pessoal nos afaste da fé em Cristo.

CRISTO NÃO PROMOVE O PECADO

GÁLATAS 2.17-18

17 Se, porém, procurando ser justificados em Cristo descobrimos que nós mesmos
somos pecadores, será Cristo então ministro do pecado? De modo algum! 18 Se
reconstruo o que destruí, provo que sou transgressor.

Por mais simples e tocante que seja a exposição de Paulo, ela foi desafiada em seus dias, e ainda está sendo desafiada hoje. No contexto da passagem acima, o apóstolo passa da exposição para – argumento. Ele fala tanto do argumento que os críticos usaram para tentar derrubar sua doutrina, quanto do que ele usou para derrubar a doutrina deles e estabelecer a sua. É como se os ouvíssemos discutindo uns com os outros.

Os críticos de Paulo argumentaram: “Sua doutrina da justificação somente pela fé em Cristo, à parte das obras da lei, é muito perigosa. Fatalmente enfraquece o senso de responsabilidade moral de uma pessoa. Se podemos ser aceitos

mediante a fé em Cristo, sem necessidade alguma de fazer boas obras, você está, na verdade, nos encorajando a ignorar a lei, o que é a heresia do antinomianismo". As pessoas ainda hoje argumentam: "Se Deus justifica pessoas más, de que adianta ser bom? Não podemos fazer o que desejarmos e viver como bem entendermos?".

A primeira resposta de Paulo aos críticos é negar a sugestão deles com indignação: "De modo algum!". Ele especialmente nega a alegação adicional de que ele era culpado de fazer de Cristo o agente ou o autor do pecado. Pelo contrário, Paulo diz: "Se depois da minha justificação eu ainda for um pecador, a culpa é minha, e não de Cristo. Eu tenho apenas a mim para culpar; ninguém pode culpar Cristo".

Paulo passa a refutar o argumento dos críticos. A acusação deles de que a justificação pela fé encorajava uma continuação no pecado era absurda. Eles entenderam muito mal o evangelho da justificação. A justificação não é uma ficção legal em que nossa posição é alterada, enquanto o caráter permanece intacto. Somos justificados "em Cristo". Ela ocorre quando estamos unidos a Cristo pela fé. E alguém que está unido a Cristo nunca mais é a mesma pessoa. Não é apenas nossa posição diante de Deus que muda; nós somos transformados radical e permanentemente. Segundo Paulo, falar de voltar à velha vida, e até pecar como bem quiser, é impossível, pois ele se tornou uma nova criatura e começou uma nova vida.

UMA MUDANÇA EXTRAORDINÁRIA

GÁLATAS 2.19-21

19Pois, por meio da Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. **20**Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me

amou e se entregou por mim. [21]Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça vem pela Lei, Cristo morreu inutilmente!

Paulo revela a maravilhosa mudança que acontece a uma pessoa que é justificada em Cristo. Ele a descreve em termos de uma morte e uma ressurreição, ambas ocorrendo por meio da união com Cristo. É a morte e a ressurreição de Cristo que compartilhamos.

Talvez esteja ficando claro por que um cristão justificado em Cristo não é livre para pecar. A morte e a ressurreição de Cristo não são apenas eventos históricos, mas eventos dos quais seu povo passou a compartilhar por meio da união de fé com ele. Uma vez que nos unimos a Cristo em sua morte, nossa velha vida findou; é inconcebível sugerir que poderíamos voltar a ela algum dia. Além disso, renascemos para uma nova vida. Em certo sentido, vivemos essa nova vida por meio da fé em Cristo. Em outro, não somos nós que a vivemos, mas Cristo que a vive em nós. Vivendo em nós, ele nos dá novos desejos pela santidade, por Deus, pelo céu. Não é que não possamos pecar novamente. Podemos, mas não queremos. Todo o sentido de nossa vida mudou. Tudo é diferente, porque nós somos diferentes.

Se insistirmos que a justificação é por obras e que podemos obter a salvação por esforços próprios, deixaremos de lado a graça de Deus (porque se a salvação é por obras, não é pela graça) e tornaremos a morte de Cristo supérflua (porque se a salvação é por obras, então a morte de Cristo foi desnecessária).

No entanto, muitas pessoas cometem os mesmos erros que os judaizantes. Procuram se apresentar a Deus pelas próprias obras. Para elas, é nobre tentar conquistar o caminho para Deus e para o céu. Mas não é nobre; é extremamente abominável. É negar a natureza de Deus e a missão de Cristo. É recusar-se a deixar que Deus seja gracioso. É dizer a Cristo que ele não precisava ter se incomodado em morrer. Se somos donos de nosso destino e podemos nos salvar, então a graça de Deus e a morte de Cristo são desnecessárias.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 2.11-21

PARA RESPONDER

Quando você viu surgir um conflito entre os líderes da igreja? Sobre o que foi e como foi resolvido (se é que foi)?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 2.11-21.

Descreva a situação que preocupa Paulo nessa passagem.

Levando em consideração o encontro anterior de Paulo com Pedro, Tiago e João em Jerusalém (Gl 2.1-10), por que Paulo teria ficado especialmente indignado com o comportamento de Pedro em Antioquia?

O que Pedro temia em relação ao grupo da circuncisão?

Por que pequenos grupos que exercem pressão na igreja despertam temor na maioria das pessoas, inclusive na liderança?

Quando você cedeu à pressão e agiu desonestamente por medo, e não por convicção pessoal?

O que fez tal questão valer o risco de um confronto público?

Em algumas comunidades cristãs, os cristãos hesitam em se confrontar; em outras, eles se confrontam com muita rapidez. Quais são os perigos espirituais de cada uma dessas abordagens?

Como ter em mente o que Paulo chamou de “a verdade do evangelho” teria afetado as situações que você lembrou nas perguntas 4 e 5?

Por que o evangelho da graça de Deus acaba com a acusação de que Cristo promove o pecado (v. 17)?

Cristãos que têm certeza de salvação ainda podem ser pegos em pecado. Como Paulo lida com esse fato desconfortável?

Paulo disse que já não é ele quem vive, mas Cristo vive nele (v. 20). Como você concilia as palavras de Paulo com o fato de que ele ainda estava bem vivo?

Por que Cristo teria morrido “inutilmente” se a justificação pudesse ser obtida pela obediência à lei (v. 21)?

PARA APLICAR

De que pressões você está ciente – sobre si ou sobre sua comunidade cristã – para acrescentar condições à verdade do evangelho?

4 GÁLATAS 3.1-14

FÉ E OBRAS

INSENSATEZ REPREENDIDA

GÁLATAS 3.1-2

1 Ó gálatas insensatos! Quem os enfeitiçou? Não foi diante dos seus olhos que
Jesus Cristo foi exposto como crucificado? 2 Gostaria de saber apenas uma coisa:
foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que
ouviram?

O que os gálatas fizeram que leva Paulo a se queixar da insensatez deles e perguntar se foram enfeitiçados? Eles se renderam ao ensino dos judaizantes. Tendo aceitado a verdade no início (de que os pecadores são justificados pela graça, em Cristo, mediante a fé), eles passaram a adotar a visão de que a circuncisão e as obras da lei também eram necessárias para a justificação.

A essência do argumento de Paulo é que a nova posição dos gálatas é uma contradição ao evangelho. A razão para o espanto com essa insensatez é que, diante dos olhos deles, Jesus Cristo foi “exposto como crucificado”. Cristo não só foi exposto diante deles, como foi exposto como crucificado.

O evangelho não é uma instrução genérica sobre o Jesus da história, mas uma

proclamação específica de Jesus Cristo como crucificado. A obra de Cristo foi consumada na cruz, e os benefícios de sua crucificação são sempre novos, válidos e disponíveis. Se os gálatas tivessem compreendido o evangelho do Cristo crucificado, que na cruz Cristo fez tudo que é preciso para a salvação, eles teriam percebido que a única atitude necessária de sua parte era receber as boas novas pela fé. Acrescentar boas obras à obra de Cristo era uma ofensa à obra consumada dele.

Paulo expõe a insensatez dos gálatas. Eles deveriam ter resistido ao feitiço de quem os estava enfeitiçando. Sabiam perfeitamente bem que o evangelho é recebido somente pela fé, uma vez que sua própria experiência e o ensinamento claro das Escrituras lhes diziam isso.

Paulo afirma que todos os cristãos gálatas receberam o Espírito Santo. Sua dúvida não é se eles o receberam, mas se o receberam pelas obras ou pela fé. Ele também afirma que foi dessa maneira que a vida cristã deles começou. O que ele está perguntando se refere a como eles receberam o Espírito e começaram a vida cristã. Há duas alternativas, que o apóstolo denomina “pela prática da Lei” ou “pela fé naquilo que ouviram”. Esses não são dois lados da mesma moeda ou duas interpretações do mesmo cristianismo. São contrários um ao outro. A lei diz: “Faça isso”; o evangelho diz: “Cristo fez tudo”. A lei exige obras de esforço humano; o evangelho requer fé na realização de Cristo. A lei faz exigências e ordena que obedeçamos; o evangelho traz promessas e pede que creiamos.

CONSIDERE SUA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

GÁLATAS 3.3-5

3 Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem
agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio? 4 Será que foi inútil sofrerem tantas
coisas? Se é que foi inútil! 5 Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres

entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra?

Paulo repete o argumento de como os gálatas começaram a vida cristã, mas de uma maneira diferente – não do ponto de vista de eles terem recebido o Espírito, mas de Deus dar o Espírito: "Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra?'. Os verbos dar e operar não se referem necessariamente a uma atividade contínua de Deus. É mais provável que sejam atemporais, referindo-se ainda à visita de Paulo quando eles receberam o Espírito, mas falando da experiência deles do ponto de vista do Senhor. Deus lhes deu o Espírito (v. 5), e eles o receberam (v. 2) não porque obedeceram à lei, mas porque creram no evangelho.

Eles sabiam desse fato porque o haviam experimentado. Paulo veio para a Galácia e lhes pregou o evangelho. Ele havia exposto publicamente, diante dos olhos deles, Jesus Cristo crucificado. Eles ouviram o evangelho e, pelos olhos da fé, viram Cristo exposto na cruz. Eles creram no evangelho. Confiaram no Cristo apresentado no evangelho. Então receberam o Espírito. Não haviam se submetido à circuncisão, não obedeciam à lei, nem haviam tentado fazê-lo. Tudo que fizeram foi ouvir o evangelho e crer, e o Espírito lhes foi dado.

Sendo esses os fatos da experiência dos gálatas, argumenta Paulo, é inadmissível que “tendo começado pelo Espírito', eles”[queiram] agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio'. Essa é outra maneira de dizer que, tendo começado com o evangelho, eles não devem voltar para a lei, imaginando que ela é necessária para complementá-lo. Não há como melhorar o evangelho.

GENTIOS JUSTIFICADOS

GÁLATAS 3.6-9

6Considerem o exemplo de Abraão: “Ele creu em Deus, e isso lhe foi creditado
como justiça”. 7Estejam certos, portanto, de que os que são da fé, estes é que são
filhos de Abraão. 8Prevendo a Escritura que Deus justificaria os gentios pela fé,
anunciou primeiro as boas novas a Abraão: “Por meio de você todas as nações
serão abençoadas”. 9Assim, os que são da fé são abençoados junto com Abraão,
homem de fé.

A alusão de Paulo a Abraão foi uma jogada de mestre. Seus oponentes judaizantes consideravam Moisés como mestre. Então Paulo voltou séculos até chegar a Abraão. Sua citação é de Gênesis 15.6. Abraão era um homem idoso e sem filhos, mas Deus lhe prometeu um filho e, de fato, uma semente ou posteridade. Um dia, Deus tirou Abraão de sua tenda, pediu que ele olhasse para o céu e contasse as estrelas, e então lhe disse: “Assim será a sua descendência”. Abraão creu na promessa de Deus, e isso lhe foi creditado como justiça.

Considere cuidadosamente o que aconteceu. Primeiro, Deus fez uma promessa a Abraão. A promessa de descendentes foi exposta diante dos olhos de Abraão, bem como a promessa de perdão por meio do Cristo crucificado foi exposta diante dos olhos dos gálatas. Segundo, Abraão creu em Deus. A despeito da improbabilidade dessa promessa do ponto de vista humano, Abraão se apegou à fidelidade de Deus. Terceiro, a fé de Abraão foi reconhecida como justiça, isto é, ele foi aceito como justo, pela fé. Ele foi justificado, não porque havia feito algo para merecer, porque havia sido circuncidado ou porque havia guardado a lei (pois nem a circuncisão nem a lei haviam sido dadas), mas simplesmente porque creu em Deus.

Paulo une uma promessa anterior a essa promessa de Deus a Abraão. Ele cita Gênesis 12.3. A bênção é a justificação, a maior de todas as bênçãos, pois os verbos justificar e abençoar são usados como equivalentes no versículo 8. E o meio pelo qual a bênção seria herdada era a fé. Essa era a única maneira pela qual os gentios poderiam herdar a bênção de Abraão, uma vez que ele era o pai da nação judaica. Talvez os judaizantes estivessem dizendo aos convertidos

gálatas que eles deveriam se tornar filhos de Abraão por meio da circuncisão. Paulo contesta, dizendo que os gálatas já eram filhos de Abraão, não pela circuncisão, mas pela fé.

Os gálatas deveriam saber disso. Eles nunca teriam se deixado enfeitiçar pelos falsos mestres se tivessem mantido o Cristo crucificado diante de seus olhos. Deveriam ter percebido imediatamente que os judaizantes estavam contradizendo o evangelho da justificação somente pela fé. Deveriam saber disso pela própria experiência e pelas Escrituras do Antigo Testamento. Também devermos aprender a colocar à prova todas as teorias e todos os ensinamentos humanos segundo o evangelho do Cristo crucificado, especialmente como o conhecemos pelas Escrituras e pela experiência.

DEBAIXO DE MALDIÇÃO

GÁLATAS 3.10

10 Já os que se apoiam na prática da Lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei”.*

Paulo cita um versículo de Deuteronômio que profere uma séria maldição sobre todos que não cumprem os mandamentos da lei. Para nossos sensíveis ouvidos modernos, essas palavras soam rudes e até duras. Gostamos de pensar em um Deus que abençoa, em vez de em um Deus que amaldiçoa. Algumas pessoas tentaram escapar do dilema, mostrando que Paulo não escreve sobre a maldição de Deus, mas sobre a maldição da lei. No entanto, a lei nunca pode ser isolada de Deus, pois ela é a lei de Deus, a expressão de sua natureza moral e vontade. O que a lei diz, Deus diz; o que a lei abençoa, Deus abençoa; e o que a lei amaldiçoa, Deus amaldiçoa.

Não há necessidade de se envergonhar dessas palavras diretas. Elas expressam o que as Escrituras falam sobre Deus em relação ao pecado, ou seja, que ninguém pode pecar com impunidade, pois Deus não é um velho Papai Noel sentimental, mas o justo juiz dos seres humanos. A desobediência sempre nos coloca debaixo da maldição de Deus e nos expõe às terríveis penalidades de seu juízo; amaldiçoar não significada condenar, mas rejeitar. Então, se a bênção de Deus traz justificação e vida, a maldição dele traz condenação e morte.

Paulo assume a universalidade do pecado. Ele surpreende os judaizantes, afirmando que os que estão debaixo da maldição não são apenas os gentios ignorantes e sem lei, como eles imaginam, mas também os próprios judeus.

Sabemos disso por experiência própria. Pecado é desrespeito às leis de Deus. E todos somos transgressores, pois não amamos a Deus de todo o nosso ser, nem amamos o próximo como a nós mesmos. Tendo violado as leis de Deus, nos colocamos debaixo da maldição da lei, que é a maldição de Deus. Isso se aplica a todos, não apenas aos irreligiosos e imorais, mas aos judeus descendentes de Abraão, que foram circuncidados e estão sob a aliança de Deus, e, nos dias de hoje, também aos frequentadores batizados da igreja.

UMA ALTERNATIVA FRUSTRADA

GÁLATAS 3.11-12

11 É evidente que diante de Deus ninguém é justificado pela Lei, pois “o justo
viverá pela fé”. 12 A Lei não é baseada na fé; ao contrário, “quem praticar estas
coisas, por elas viverá”.

O apóstolo cita duas vezes o Antigo Testamento: “O justo viverá pela fé” e “quem pratica estas coisas [isto é, as exigências da lei], por elas viverá”. Essas declarações vêm das Escrituras do Antigo Testamento, sendo a primeira dos profetas (Hc 2.4), e a segunda da lei (Lv 18.5). Elas são, portanto, a Palavra do Deus vivo. Ambas dizem que certa pessoa “viverá”, ou seja, prometem a vida eterna.

A despeito dessas características comuns, as duas declarações descrevem dois caminhos diferentes para a vida. O primeiro promete vida ao cristão; o segundo, a quem faz algo. O primeiro faz da fé o caminho da salvação; o segundo faz das obras o caminho da salvação. O primeiro diz que somente Deus pode trazer justificação (porque a função da fé é confiar que Deus fará a obra); o segundo implica que podemos cuidar disso sozinhos. Qual é o verdadeiro? Uma pessoa é justificada pela fé ou pelas obras? Recebemos a vida eterna quando cremos ou quando fazemos algo? A salvação é somente pela graça de Deus, mediante Jesus Cristo, ou nós temos alguma influência nela? Por que a Bíblia parece confundir essa questão e ensinar as duas coisas, uma vez que elas parecem contraditórias?

É verdade, como um dogma, que “quem pratica estas coisas [isto é, as exigências da lei], por elas viverá”. Mas ninguém, exceto Jesus, jamais conseguiu; portanto, ninguém pode viver de acordo com elas. A terrível função da lei é condenar, não justificar. Podemos nos esforçar e lutarpara guardar a lei e praticar boas obras na comunidade ou na igreja, mas nenhuma dessas ações pode nos libertar da maldição da lei, a qual repousa sobre quem a transgride.

Portanto, o primeiro suposto caminho para Deus leva a um beco sem saída. Não há justificação nem vida, somente escuridão e morte. Não podemos deixar de concluir, tal como Paulo: “É evidente que diante de Deus ninguém é justificado pela Lei”. A única maneira de escapar da maldição não é por nossas obras, mas pela obra de Jesus.

CRISTO SE TORNOU MALDIÇÃO EM NOSSO LUGAR

GÁLATAS 3.13-14

13 Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso
lugar, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”.
14 Isso para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos
gentios, para que recebêssemos a promessa do Espírito mediante a fé.

Paulo apresenta a segunda alternativa para ser justificado diante de Deus. Ele apresenta Jesus Cristo. Conta-nos que Jesus Cristo fez por nós, na cruz, o que não pudemos fazer por nós mesmos: ele nos redimiu, nos resgatou, nos libertou da terrível condição de escravidão que a maldição da lei impôs.

Cristo nos redimiu “quando se tornou maldição em nosso lugar”. Essas palavras são impressionantes. E a expressão só pode ter um significado, pois a “maldição” dos versículos 10 e 13 é a mesma. A “maldição da lei” da qual Cristo nos redimiu provavelmente é a que repousa sobre nós por causa da desobediência. E ele nos redimiu “quando se tornou maldição”. A maldição foi transferida de nós para ele. Ele a tomou voluntariamente sobre si para nos livrar dela. A expressão “se tornou maldição” por nós explica o terrível grito de desamparo, de abandono da parte de Deus, que Cristo deu na cruz.

Paulo então acrescenta uma confirmação das Escrituras do que acabou de dizer sobre a cruz. Todo criminoso condenado à morte sob a legislação mosaica e executado, normalmente por apedrejamento, era preso a uma estaca como símbolo da rejeição divina. O fato de os romanos crucificarem, em vez de apenas pendurarem no madeiro, não faz diferença. Ser pregado em uma cruz era o mesmo que ser pendurado em um madeiro. Portanto, o Cristo crucificado foi reconhecido como tendo morrido sob a maldição divina. Não é de admirar que os judeus, a princípio, não puderam acreditar que Jesus era o Cristo. Como Cristo, o ungido de Deus, em vez de reinar em um trono, poderia ser pendurado

em uma estaca? Era inacreditável para eles. O fato de que Jesus morreu pendurado em uma cruz permaneceu para os judeus como um obstáculo intransponível à fé, até que eles constataram que a maldição que Cristo carregou havia sido por eles. Jesus não morreu por seus próprios pecados; ele se tornou maldição por nós.

Isso significa que todos foram redimidos da maldição da lei porque Cristo tomou seus pecados, tomou sua maldição? Não, pois é “mediante a fé”, para que “recebêssemos a promessa do Espírito”. Foi em Cristo que Deus agiu para a salvação; logo, devemos estar em Cristo para recebê-la. Não somos salvos por um Cristo distante, que morreu há centenas de anos e vive a milhões de quilômetros de distância, mas por um Cristo existencial, que, tendo morrido e ressuscitado, é agora nosso contemporâneo. Pela fé, podemos estar “nele”, pessoal e vitalmente unidos a ele hoje.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 3.1-14

PARA RESPONDER

Em que áreas da vida você está propenso a tentar ganhar o favor de Deus por meio de boas ações?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 3.1-14.

Que palavras e expressões revelam a atitude de Paulo para com os gálatas?

Duas vezes Paulo chama os cristãos gálatas de “insensatos” (v. 1, 3). Em que sentidos é insensatez acrescentar obras ao evangelho de Cristo?

Nas obras de arte, Cristo é retratado de várias maneiras: ensinando multidões, trabalhando ao lado de José na carpintaria, orando no Getsêmani, recebendo as crianças, andando sobre as águas. Por que Paulo optou por se concentrar em expor Cristo como crucificado?

Depois de começar a vida cristã pela fé, a maioria de nós, uma vez ou outra, imita os gálatas e cai na armadilha de confiar nos próprios esforços. Por que você acha que isso acontece?

Para os judaizantes, que estavam enganando os cristãos gálatas, Abraão era um herói e um patriarca. Como Paulo inverte essa lógica, e usa Abraão como um exemplo de fé em vez de um guardião da lei?

O que temos em comum com Abraão?

As palavras maldição e amaldiçoado aparecem frequentemente nessa passagem. O que justifica o uso dessa linguagem por Paulo?

Por que paira uma maldição sobre os que tentam confiar na observância da lei?

A “maldição da lei”, da qual Cristo nos redimiu, provavelmente é a maldição que repousa sobre nós por causa da desobediência (v. 10). E ele nos redimiu “quando se tornou maldição”. Ele voluntariamente levou sobre si nossa maldição para nos libertar dela. O que significa para você o fato de que Cristo se tornou maldição por nós?

Cite algumas diferenças entre a lei e a fé.

Em sua experiência, o que significa “viver pela fé”?

Cite alguns obstáculos à prática de viver pela fé.

PARA APLICAR

Pense em maneiras pelas quais você tentou agradar a Deus ou conquistar o favor dele com seus próprios esforços. Como essa passagem o encoraja a examinar o seu coração?

Pense em algum conhecido que está lutando contra o esforço próprio. Como você pode ajudar essa pessoa a voltar a confiar em Cristo?

5 GÁLATAS 3.15-29

A DÁDIVA DA LEI

A PROMESSA A ABRAÃO

GÁLATAS 3.15-18

15 Irmãos, humanamente falando, ninguém pode anular um testamento depois de
ratificado, nem acrescentar-lhe algo. 16 Assim também as promessas foram feitas
a Abraão e ao seu descendente. A Escritura não diz: “E aos seus descendentes”,
como se falando de muitos, mas: “Ao seu descendente”, dando a entender que se
trata de um só, ou seja, Cristo. 17 Quero dizer isto: A Lei, que veio quatrocentos e
trinta anos depois, não anula a aliança previamente estabelecida por Deus, de
modo que venha a invalidar a promessa. 18 Pois, se a herança depende da Lei, já
não depende de promessa. Deus, porém, concedeu-a gratuitamente a Abraão
mediante promessa.

A conclusão para a qual Paulo está nos levando é a de que a religião cristã é a religião de Abraão, e não de Moisés; da promessa, e não da lei; e que os cristãos hoje desfrutam da promessa que Deus fez a Abraão séculos atrás. Mas, nessa passagem, tendo contrastado esses dois tipos de religião, Paulo mostra a relação entre eles. Não podemos colocar Abraão e Moisés, a promessa e a lei, um contra o outro, aceitando um e rejeitando o outro. Se Deus é autor de ambos, ele deve ter algum propósito para ambos. Qual é, então, a relação entre eles?

Paulo divide o tópico em duas partes. Os versículos 15-18 têm caráter negativo,

ensinando que a lei não anulou a promessa de Deus. Os versículos 19-22 têm caráter positivo, ensinando que a lei iluminou a promessa de Deus e, na verdade, tornou-a indispensável.

Paulo começa com um exemplo cotidiano, extraído da esfera de promessas humanas. Não um contrato comercial, mas uma vontade, o que chamamos de "testamento" de alguém. Os desejos e as promessas expressos em um testamento são inalteráveis. E, se a vontade de uma pessoa não pode ser deixada de lado nem sofrer adendos, muito mais as promessas de Deus são imutáveis.

Deus prometeu uma herança a Abraão e à posteridade dele. Deus disse que, na descendência de Abraão, todas as famílias da terra seriam abençoadas. O propósito de Deus não era apenas dar a terra de Canaã aos judeus, mas dar a salvação (uma herança espiritual) aos cristãos que estão em Cristo.

A promessa de Deus era gratuita e incondicional. A promessa ainda está em vigor hoje, pois nunca foi rescindida. Deus nunca anulou ou modificou sua vontade.

"Quero dizer isto", diz Paulo. "A Lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não anula a aliança previamente estabelecida por Deus, de modo que venha a invalidar a promessa." Se os judai-zantes estivessem certos, a herança cristã (justificação) seria dada àqueles que guardam a lei, e, se é pela lei, não é mais pela promessa.

Mas Deus não voltou atrás na promessa. Ela é tão obrigatória quanto um testamento humano; na verdade, é ainda mais. Logo, todo pecador que confia no Cristo crucificado para ter a salvação, independentemente de mérito ou boas obras, recebe a bênção da vida eterna e, portanto, herda a promessa de Deus feita a Abraão.

POR QUE A LEI?

GÁLATAS 3.19-20

19 Qual era então o propósito da Lei? Foi acrescentada por causa das
transgressões, até que viesse o Descendente a quem se referia a promessa, e foi
promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador. 20 Contudo, o
mediador representa mais de um; Deus, porém, é um.

Quase podemos ouvir a objeção indignada dos judaizantes: “Se é somente pela fé que uma pessoa está em Cristo e se torna beneficiária da promessa que Deus fez a Abraão, qual é o sentido da lei? Sua teologia funde tão intensamente Abraão e Cristo que você exclui Moisés e a lei. Não há espaço para a lei em seu evangelho”.

Paulo tinha a resposta na ponta da língua. Os judaizantes entenderam mal e deturparam sua posição. Ele estava longe de declarar que a lei era desnecessária, pois foi bem claro quando disse que ela tinha um papel essencial no propósito de Deus. A função da lei não era conceder salvação, mas convencer as pessoas de que elas precisavam ser salvas.

“Qual era então o propósito da Lei?” Ela foi acrescentada “por causa das transgressões”. O principal trabalho da lei era expor o pecado. É a lei que transforma o pecado em transgressão, mostrando-o pelo que ele é, uma violação da lei santa de Deus. A lei pretendia tornar clara a natureza pecaminosa do pecado, como uma revolta contra a vontade e a autoridade de Deus. E foi acrescentada “até que viesse o Descendente a quem se referia a promessa”. A lei vislumbrava Cristo, o descendente de Abraão, como aquele pelo qual a

transgressão seria perdoada.

O restante do versículo 19 e o versículo 20 são considerados de difícil compreensão. Eles já foram interpretados de várias maneiras. O apóstolo provavelmente está enfatizando a inferioridade da lei em relação ao evangelho. A atividade dos anjos em conexão com a dádiva da lei é mencionada várias vezes nas Escrituras. O "mediador" é, sem dúvida, Moisés. Portanto, quando Deus deu a lei, ele falou por meio de anjos e por meio de Moisés. Mas quando Deus falou do evangelho para Abraão, ele o fez de forma direta, sendo esse, provavelmente, o significado da expressão "Deus, porém, é um".

LEI VERSUS PROMESSA

GÁLATAS 3.21-22

21Então, a Lei opõe-se às promessas de Deus? De maneira nenhuma! Pois, se tivesse sido dada uma lei que pudesse conceder vida, certamente a justiça viria da lei. 22Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa, que é pela fé em Jesus Cristo, fosse dada aos que creem.

A lei não pode nos justificar. Então, como é possível criar uma harmonia entre a lei e a promessa? Somente observando que herdamos a promessa porque não podemos guardar a lei, e que nossa incapacidade de guardar a lei torna a promessa ainda mais desejável e, de fato, indispensável. A Escritura mantém cada pecador aprisionado por seus pecados, "a fim de que a promessa, que é pela fé em Jesus Cristo, [seja] dada aos que creem".

Os judaizantes afirmavam falsamente que a lei anula a promessa e a invalida; Paulo ensina a verdadeira função da lei, que é de confirmar a promessa e torná-la

indispensável.

Com uma amplitude de visão que nos deixa muito aquém, o apóstolo Paulo une Abraão, Moisés e Jesus Cristo. Em oito versículos curtos, ele abrange cerca de dois mil anos. Analisa praticamente todo o cenário do Antigo Testamento. Apresenta-o como uma cadeia de montanhas, cujos picos mais altos são Abraão e Moisés, e cujo Everest é Jesus Cristo. Mostra como a promessa de Deus a Abraão foi confirmada por Moisés e se cumpriu em Cristo. Ensina a unidade da Bíblia, especialmente entre o Antigo e o Novo Testamentos.

Algumas pessoas pensam na Bíblia como um emaranhado de ideias sem relação alguma, cheio de contradições. Na verdade, uma das principais glórias da Bíblia é a coerência. Toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, conta a história do propósito soberano da graça de Deus, seu grande plano de salvação por meio de Cristo.

Depois de dar a promessa a Abraão, Deus deu a lei a Moisés. Por quê? Porque ele tinha de piorar as coisas antes que pudesse melhorá-las. A lei expunha o pecado, provocava o pecado, condenava o pecado. O propósito da lei era desmascarar nossa respeitabilidade e revelar como realmente somos – pecadores, rebeldes, culpados, sob o juízo de Deus e impotentes para salvar a nós mesmos.

Ainda se deve permitir que a lei cumpra o dever que Deus lhe deu. A igreja contemporânea tende a suavizar o pecado e o juízo. Nunca devemos ignorar a lei e ir direto ao evangelho. Fazer isso é contradizer o plano de Deus na história bíblica.

Só depois que a lei tiver nos ferido e nos destruído, é que admitiremos a necessidade do evangelho para curar nossas feridas. Só depois que a lei tiver nos detido e nos aprisionado, é que desejaremos que Cristo nos liberte. Só depois

que a lei tiver nos levado a perder a esperança em nós mesmos, é que creremos em Jesus.

ENCERRADOS PELA LEI

GÁLATAS 3.23-24

23 Antes que viesse essa fé, estávamos sob a custódia da Lei, nela encerrados, até
que a fé que haveria de vir fosse revelada. 24 Assim, a Lei foi o nosso tutor até
Cristo, para que fôssemos justificados pela fé.

O propósito de Deus para nossa peregrinação espiritual é que devemos passar pela lei e chegar à experiência da promessa. O problema é que muitas pessoas separam a lei da promessa, desejando uma sem a outra. Algumas tentam chegar a Jesus sem antes conhecerem Moisés. Querem dispensar o Antigo Testamento, herdar a promessa de justificação em Cristo sem a dor prévia da condenação pela lei. Outras vão a Moisés e à lei para serem condenadas, mas permanecem nessa triste escravidão. Elas ainda vivem no Antigo Testamento. Sua religião é um jugo doloroso, difícil de suportar. Nunca foram a Cristo para serem libertas.

Paulo começa a descrever esses dois estágios espirituais. Os versículos 23-24 descrevem o que éramos quando estávamos sob a lei, enquanto os versículos 25-29 descrevem o que somos em Cristo.

O apóstolo usa duas analogias claras para explicar a lei: primeiro, uma prisão em que éramos mantidos cativos; depois, um tutor cuja disciplina era dura e severa. Os verbos “estávamos [sob a custódia]” e “encerrados” enfatizam que a lei e os mandamentos de Deus nos mantêm confinados para que não possamos escapar. O “tutor” seria um “guardião” em um sentido mais literal, geralmente um

escravo cujo dever era levar um menino à escola, buscá-lo e normalmente observar a conduta dele. Ele não era o mestre do menino, mas seu disciplinador, normalmente retratado em desenhos antigos com uma vara ou um cajado na mão.

Como um carcereiro, a lei nos jogou na prisão; como um rigoroso tutor, ela nos repreende e nos pune por nossas transgressões. Mas Deus nunca quis que essa opressão fosse permanente. Ele deu a lei, em sua graça, para tornar a promessa mais desejável. Desse modo, a ambas as descrições de escravidão Paulo acrescenta uma referência temporal: “Antes que viesse essa fé, estávamos sob a custódia da Lei, nela encerrados, até que a fé que haveria de vir fosse revelada”. A lei era nosso tutor “até Cristo”. O trabalho opressor da lei era temporário. Em última análise, não pretendia ferir, mas abençoar. Seu propósito era colocar-nos na prisão até que Cristo nos libertasse, ou nos colocar sob tutores até que Cristo nos tornasse seus filhos.

FILHOS DE DEUS

GÁLATAS 3.25-27

25 Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor.
26 Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, 27 pois os que em
Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram.

A expressão de Paulo, “Agora, porém, tendo chegado a fé”, ressalta que o que somos é bem diferente do que éramos.

Deus já não é o juiz, que, por meio da lei, nos condenou e nos aprisionou. Deus já não é o tutor, que, por meio da lei, nos restringiu e nos castigou. Deus é nosso

Pai, que, em Cristo, nos aceitou e nos perdoou. Não mais o tememos, com medo da punição que merecemos; nós o amamos com profunda devoção, como a de um filho ao pai. Não somos prisioneiros aguardando a execução final da sentença, nem filhos menores sob a restrição de um tutor, mas filhos de Deus e herdeiros de seu glorioso reino, desfrutando da posição e dos privilégios de filhos adultos.

Nossa posição como filhos de Deus não está em nós, mas “em Cristo”. A doutrina de Deus como Pai não foi ensinada por Cristo ou por seus apóstolos. Deus é o Criador que trouxe tudo à existência, ele é o Rei que governa e sustenta tudo que criou. Mas ele é Pai somente do Senhor Jesus Cristo e dos que adota por meio de Cristo. Se quisermos ser filhos de Deus, então devemos estar, “mediante a fé”, “em Cristo Jesus”.

O batismo demonstra visivelmente a união com Cristo. Paulo não quis dizer que o ato do batismo, em si, une a pessoa a Cristo. Devemos dar-lhe crédito pela teologia coerente. Toda a sua carta é dedicada ao tema de que somos justificados pela fé, não pela circuncisão. É inconcebível que Paulo substitua a circuncisão pelo batismo e ensine que estamos em Cristo mediante o batismo! O apóstolo claramente faz da fé o meio da união com Cristo. Ele menciona a fé cinco vezes nesse parágrafo, mas o batismo apenas uma vez. A fé assegura a união; o batismo expressa-a exterior e visivelmente. Logo, em Cristo, pela fé interiormente e pelo batismo exteriormente, somos considerados filhos de Deus.

UM EM CRISTO

GÁLATAS 3.28-29

28 Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos
são um em Cristo Jesus. 29 E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão
e herdeiros segundo a promessa.

Em Cristo, pertencemos não só a Deus como filhos, mas uns aos outros, como irmãos e irmãs. E pertencemos uns aos outros de tal maneira que não nos importamos com as características que normalmente nos distinguem, como raça, posição social e gênero.

Primeiro, não há distinção de raças. Deus chamou Abraão e os descendentes dele a fim de lhes confiar a revelação única de si. Mas, quando Cristo veio, a promessa de Deus de que, na descendência de Abraão, todas as famílias da terra seriam abençoadas, se cumpriu. Isso inclui todas as nações. Somos iguais na necessidade de salvação, iguais na incapacidade de obtê-la ou merecê-la e iguais no fato de que Deus a oferece a nós gratuitamente em Cristo.

Segundo, não há distinção de posição social. Quase todas as sociedades da história desenvolveram seu sistema de classe ou castas. Circunstâncias como nascimento, riqueza, privilégio e nível educacional têm dividido as pessoas. Mas, em Cristo, o orgulho é proibido e as distinções de classe são anuladas.

Terceiro, não há distinção de gênero. A notável afirmação da igualdade dos gêneros estava séculos à frente de seu tempo. As mulheres eram quase sempre desprezadas no mundo antigo, mesmo no judaísmo, e não raramente exploradas e maltratadas. Mas Paulo – supostamente considerado por muitos um antife-minista – faz a afirmação de que, em Cristo, homem e mulher são um e iguais.

É claro que toda pessoa pertence a uma determinada etnia e nação, foi educada em uma cultura particular e é homem ou mulher. Quando dizemos que Cristo aboliu essas distinções, não queremos dizer que elas deixaram de existir, mas que não são importantes. Elas ainda existem, mas já não criam barreira alguma à comunhão. Pela graça de Deus, resistimos à tentação de desprezar uns aos outros ou ser condescendentes uns com os outros, pois sabemos que somos todos “um em Cristo Jesus”.

Em Cristo, pertencemos a Deus e uns aos outros. Em Cristo, também pertencemos a Abraão. Tomamos lugar na nobre sucessão histórica de fé, cujos notáveis representantes estão listados em Hebreus 11. Já não nos sentimos abandonados e desgarrados, sem importância alguma na história, ou como destroços de um naufrágio à deriva. Em vez disso, encontramos lugar no propósito de Deus, que vai se desdobrando. Somos a descendência espiritual de Abraão, que viveu e morreu há quatro mil anos, pois, em Cristo, nos tornamos herdeiros da promessa que Deus fez a ele.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 3.15-29

PARA RESPONDER

Como você descreveria sua atitude em relação à lei de Deus?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 3.15-29.

Refaça os passos do argumento de Paulo de que a introdução da lei por meio de

Moisés (o “mediador” do v. 19) não invalida a promessa de Deus a Abraão.

Por que um testamento é uma metáfora apropriada para o argumento que Paulo está apresentando?

Como Cristo é prenunciado na promessa de Deus a Abraão?

A promessa de Deus a Abraão foi feita há muito tempo. Como os cristãos dos tempos modernos ainda fazem parte dela?

Por que devemos escolher entre confiar na lei e confiar na promessa?

Se a lei de Deus não pode salvar ninguém, por que Deus a deu à humanidade?

Como a lei nos leva a Cristo?

Quais são algumas similaridades entre estar em uma prisão e tentar ganhar o favor de Deus seguindo sua lei?

Como as pessoas resistem ao “tutor” que está tentando levá-las a Cristo?

Que diferença faz para você ver a si próprio como um filho de Deus?

Que diferença faz para você ver outros cristãos como filhos de Deus?

Diferenças de raça, posição social e gênero existem entre os cristãos. Qual deveria ser a atitude dos cristãos em relação a tais diferenças naturais?

PARA APLICAR

Como a lei de Deus levou você a Cristo?

Em que sentidos você se vê sendo atraído novamente à escravidão da lei?

Onde você gostaria de ver a unidade em Cristo uma realidade, e o que você pode fazer para encorajá-la?

6 GÁLATAS 4.1-31

FILHOS DE DEUS

HERDEIROS MENORES DE IDADE

GÁLATAS 4.1-3

1 Digo porém que, enquanto o herdeiro é menor de idade, em nada difere de um
escravo, embora seja dono de tudo. 2 No entanto, ele está sujeito a guardiães e
administradores até o tempo determinado por seu pai. 3 Assim também nós,
quando éramos menores, estávamos escravizados aos princípios elementares do
mundo.

Em Gálatas 3, o apóstolo Paulo analisou dois mil anos de história do Antigo Testamento. Em particular, ele mostrou a relação entre três das grandes figuras da história bíblica: Abraão, Moisés e Jesus Cristo. No capítulo 4, Paulo repassará a mesma história, contrastando nossa condição sob a lei com nossa condição em Cristo e fazendo um apelo veemente sobre a vida cristã. Esse raciocínio pode ser resumido da seguinte maneira: “Antes éramos escravos. Agora somos filhos. Como, então, podemos voltar para a velha escravidão?”.

Sob a lei, diz Paulo, éramos como herdeiros durante a infância ou menoridade. Esse filho está limitado. Ele não tem liberdade. Uma vez que é herdeiro, ele é, de fato, o senhor, mas, enquanto ainda for criança, não é melhor que um escravo. Estávamos sob a mesma condição. Nos dias do Antigo Testamento, antes da vinda de Cristo e quando estávamos sob a lei, éramos herdeiros – herdeiros da

promessa que Deus fez a Abraão. Mas ainda não a havíamos herdado. Éramos como crianças durante os anos da menoridade; nossa infância era uma forma de escravidão.

O que era essa escravidão? A escravidão à lei. Mas, nesse contexto, a lei é comparada “aos princípios elementares do mundo”. No mundo antigo, os espíritos elementares eram associados aos elementos físicos (terra, fogo, ar e água) ou aos corpos celestes (o sol, a lua e as estrelas), que controlam os eventos sazonais observados na Terra.

Paulo não estava sugerindo que a lei era um plano maligno de Satanás. Ele disse que a lei foi dada a Moisés por Deus, não por Satanás, e mediada por anjos – espíritos bons, não maus. O que Paulo quer dizer é que o diabo tomou essa coisa boa (a lei) e distorceu-a para seu propósito maligno, a fim de escravizar homens e mulheres.

Deus intentou que a lei revelasse o pecado e nos levasse a Cristo; Satanás a usa para revelar o pecado e nos levar ao desespero. Deus concebeu a lei como um passo intermediário para a justificação; Satanás a usa como o passo final para a condenação. Deus queria que a lei fosse um trampolim para a liberdade; Satanás a usa como um beco sem saída, enganando-nos para que imaginemos que não há como fugir da escravidão. Mas há “o tempo determinado por seu pai” para o herdeiro receber o que é seu. Esse tempo chegou em toda a sua plenitude quando Cristo entrou no mundo.

ADOTADOS POR DEUS

GÁLATAS 4.4-7

4Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de
mulher, nascido debaixo da Lei, 5a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para
que recebêssemos a adoção de filhos. 6E, porque vocês são filhos, Deus enviou o
Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: “Aba, Pai”. 7Assim, você
já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou
herdeiro.

A escravidão da humanidade sob a lei continuou por cerca de mil e trezentos anos. Mas, por fim, a plenitude do tempo chegou – a data determinada pelo Pai em que os filhos deveriam atingir a maioridade, ser libertos dos guardiães e herdar a promessa.

Quando essa plenitude do tempo chegou, o Senhor tomou duas providências.

Primeiro, “Deus enviou seu Filho”. O propósito dele era tanto redimir quanto adotar, não apenas resgatar da escravidão, mas fazer dos escravos seus filhos. Aquele que Deus enviou para realizar a redenção estava perfeitamente qualificado para isso. Ele era o filho de Deus. Ele também nasceu de uma mãe humana, sendo humano e também divino, o único homem-Deus. E nasceu “debaixo da Lei”, isto é, de mãe judia, na nação judaica, sujeito à lei judaica. Ele teve êxito onde todos os outros antes e, desde então, falharam: cumpriu perfeitamente a justiça da lei. Portanto, a divindade de Cristo, a humanidade de Cristo e a justiça de Cristo qualificaram-no de maneira única para ser o redentor.

Segundo, “Deus enviou o Espírito”. Primeiro, Deus enviou seu filho ao mundo; segundo, enviou seu Espírito ao nosso coração (referência trinitária). E, tendo entrado em nosso coração, o Espírito imediatamente começou a clamar: “Aba, Pai!”. Aba é a palavra que Jesus usou em oração íntima a Deus. Deus enviou Jesus para que pudéssemos ter a condição de filhos, e enviou o Espírito Santo para que pudéssemos ter uma experiência com ele. Essa experiência vem por meio da intimidade afetuosa e confidencial proporcionada pelo acesso a Deus em oração, em que nos vemos assumindo a atitude e usando a linguagem não de

escravos, mas de filhos.

A presença do Espírito Santo é o precioso privilégio de todos os filhos de Deus. Não há necessidade de recitar alguma fórmula, esforçar-se para ter uma experiência ou preencher alguma condição extra. Paulo diz claramente que, se somos filhos de Deus, e porque somos filhos de Deus, ele enviou seu Espírito ao nosso coração. E a maneira pela qual ele nos assegura de que somos seus filhos não é por algum dom ou sinal espetacular, mas pelo silencioso testemunho interior do Espírito quando oramos.

COMO PODEMOS VOLTAR?

GÁLATAS 4.8-11

8 Antes, quando vocês não conheciam a Deus, eram escravos daqueles que, por
natureza, não são deuses. 9 Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo por
ele conhecidos, como é que estão voltando àqueles mesmos princípios
elementares, fracos e sem poder? Querem ser escravizados por eles outra vez?
10 Vocês estão observando dias especiais, meses, ocasiões específicas e anos!
11 Temo que os meus esforços por vocês tenham sido inúteis.

Novamente, Paulo contrasta o que éramos com o que nos tornamos. Mas, dessa vez, o contraste é retratado em termos do conhecimento de Deus. Éramos escravizados por espíritos malignos, por causa de nossa ignorância a respeito de Deus; nossa posição como filhos consiste no conhecimento dele, conhecendo-o e sendo conhecidos por ele na intimidade da comunhão pessoal.

Nessa passagem há o apelo do apóstolo. Seu argumento é o seguinte: “Se você era escravo e agora é filho, se você não conhecia a Deus, mas passou a conhecê-

lo e a ser conhecido por ele, como pode voltar à velha escravidão? Como pode se permitir ser escravizado pelos mesmos espíritos elementares dos quais Jesus Cristo o resgatou?”. Sua religião tornou-se um mero formalismo externo. Não é mais a comunhão livre e alegre de filhos com seu Pai; tornou-se uma triste rotina de regras e regulamentos. Paulo teme que todo o tempo e a dificuldade que passou com eles tenham sido inúteis.

Não é impossível voltar à velha vida; os gálatas haviam voltado. Mas é absurdo fazer isso. É uma negação fundamental do que nos tornamos, do que Deus nos fez, se estamos em Cristo.

O modo pelo qual evitamos a insensatez dos gálatas é ouvir as palavras de Paulo. Deixemos que a Palavra de Deus continue a dizer quem e o que somos em Cristo. Um dos grandes propósitos da leitura diária da Bíblia, da meditação e da oração é obtermos a orientação correta. Precisamos dizer a nós mesmos: “Antes eu era escravo, mas Deus me fez seu filho e colocou o Espírito de seu Filho em meu coração. Como posso voltar à velha escravidão? Antes eu não conhecia a Deus, mas agora eu o conheço e sou conhecido por ele. Como posso voltar à velha ignorância?”.

Pela graça de Deus, devemos estar determinados a lembrar o que antes éramos e desejar nunca mais voltar a essa condição; lembrar o que Deus fez e conformar nossa vida a isso. Se nos lembrarmos disso, teremos um desejo cada vez maior de viver adequadamente, de ser o que somos, ou seja, filhos de Deus, libertos por Cristo.

TORNEM-SE COMO EU

GÁLATAS 4.12-16

12 Eu lhes suplico, irmãos, que se tornem como eu, pois eu me tornei como vocês.
Em nada vocês me ofenderam; 13 como sabem, foi por causa de uma doença que
lhes preguei o evangelho pela primeira vez. 14 Embora a minha doença lhes tenha
sido uma provação, vocês não me trataram com desprezo ou desdém; ao
contrário, receberam-me como se eu fosse um anjo de Deus, como o próprio
Cristo Jesus. 15 Que aconteceu com a alegria de vocês? Tenho certeza que, se
fosse possível, vocês teriam arrancado os próprios olhos para dá-los a mim.
16 Tornei-me inimigo de vocês por lhes dizer a verdade?

Até então estávamos ouvindo o apóstolo Paulo, o teólogo Paulo, o defensor da fé Paulo, mas agora estamos ouvindo o homem Paulo, o pastor Paulo, o apaixonado por almas.

Paulo pede aos gálatas que se tornem como ele. No contexto, esse apelo só pode significar o seguinte: Paulo ansiava que os gálatas se tornassem como ele na fé e na vida cristãs, que fossem libertos da influência maligna dos falsos mestres e compartilhassem as convicções sobre a verdade como ela é em Jesus, sobre a liberdade com a qual Cristo nos fez livres. Ele queria que os gálatas se tornassem como ele na liberdade cristã. Todos os cristãos deveriam ser capazes de dizer algo semelhante para os incrédulos, ou seja, que estamos tão satisfeitos com Jesus Cristo, com sua liberdade, alegria e salvação, que desejamos que outras pessoas se tornem como nós.

“Pois eu me tornei como vocês”, lembra Paulo. Quando foi ter com eles na Galácia, o apóstolo não se manteve à distância nem insistiu na própria dignidade, mas se tornou como eles. Ele se colocou no lugar deles e se identificou com eles. Embora fosse judeu, ele se tornou como os gentios que eles eram. À medida que procuramos ganhar outras pessoas para Cristo, se elas tiverem de se tornar uma conosco na convicção e experiência cristãs, devemos primeiro nos tornar um com elas na compaixão cristã.

Paulo não tem queixa alguma com relação ao modo como os gálatas o trataram.

Ele os lembra de que primeiro lhes pregou o evangelho “por causa de uma doença”. Independentemente da doença, é notável que ela provocava sintomas horríveis e desagradáveis. Mas os gálatas não desprezaram nem rejeitaram Paulo. Pelo contrário, receberam-me como se ele fosse um anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus. Essa é uma expressão extraordinária. É outra indicação da autoridade apostólica consciente de Paulo. Ao receberem-no, os gálatas o fizeram muito bem, pois o reconheceram como um apóstolo ou emissário de Cristo.

Mas isso foi há algum tempo. Mais tarde, uma completa reviravolta aconteceu. Aquele que eles receberam como anjo de Deus, como filho de Deus, passou a considerado por eles um inimigo! Por quê? Simplesmente porque ele vem lhes dizendo algumas verdades dolorosas, repreendendo-os, exortando-os, advertindo-os por abandonarem o evangelho da graça e voltarem para a escravidão.

Há uma lição importante nessa passagem. A autoridade de um apóstolo não cessa quando ele começa a ensinar verdades não populares. Não podemos ser seletivos na leitura da doutrina apostólica do Novo Testamento. Os apóstolos de Jesus Cristo têm autoridade em tudo que ensinam, gostemos nós ou não.

MEUS FILHOS

GÁLATAS 4.17-20

17 Os que fazem tanto esforço para agradá-los não agem bem, mas querem isolá-
los a fim de que vocês também mostrem zelo por eles. 18 É bom sempre ser
zeloso pelo bem, e não apenas quando estou presente. 19 Meus filhos, novamente
estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em
vocês. 20 Eu gostaria de estar com vocês agora e mudar o meu tom de voz, pois
estou perplexo quanto a vocês.

Paulo contrasta a atitude dos falsos mestres em relação aos gálatas e sua própria atitude em relação a eles. Ao que parece, ele acusa os falsos mestres de bajularem os gálatas de maneira desonesta. A fim de convertê-los ao seu evangelho distorcido, os falsos mestres adulavam-nos e mimavam-nos. Seu verdadeiro motivo era separar os gálatas dos apóstolos para que os falsos mestres recebessem toda honra e atenção.

A atitude de Paulo para com os gálatas é bem diferente da dos falsos mestres. Ele os chama de “meus filhos” e se compara à mãe deles. O objetivo da metáfora materna não é ilustrar a dependência que os gálatas tinham de Paulo, mas o trabalho de Paulo por eles. O apóstolo não se contenta com o fato de que Cristo viva neles; ele anseia ver Cristo formado neles, vê-los transformados à imagem de Cristo.

A diferença entre Paulo e os falsos mestres deveria estar clara a esta altura. Os falsos mestres procuravam, eles mesmos, dominar os gálatas; Paulo ansiava que Cristo fosse formado neles. Os falsos mestres olhavam para seu prestígio e sua posição de maneira egoísta; Paulo estava preparado para se sacrificar pelos gálatas, para estar em trabalho de parto até que Cristo fosse formado neles.

Com esse parágrafo, aprendemos a relação recíproca que deve existir entre uma congregação cristã e o pastor. A atitude das pessoas em relação ao ministro não deve ser determinada pela aparência ou pelas ideias teológicas dele, mas por sua lealdade à mensagem apostólica. Se ele for fiel no ensino da Palavra, uma congregação temente a Deus receberá humildemente a mensagem e se submeterá a ela. E a atitude de um ministro cristão deve ser parecida com a de Paulo, não com a dos judaizantes – ele deve se preocupar com o progresso espiritual das pessoas e não se importar com prestígio ou vantagem pessoal.

O que deve importar para as pessoas não é a aparência do pastor, mas se Cristo

está falando por meio dele. E o que deve importar para o pastor não é a aprovação das pessoas, mas se Cristo está sendo formado nelas. A igreja precisa de pessoas que, ouvindo o pastor, atentem para a mensagem de Cristo; e de pastores que, trabalhando entre as pessoas, procurem a imagem de Cristo. Somente quando o pastor e as pessoas mantiverem os olhos em Cristo é que suas relações se manterão saudáveis, proveitosas e agradáveis ao Deus Todo-Poderoso.

FILHOS DA MULHER LIVRE

GÁLATAS 4.21-31

21 Digam-me vocês, os que querem estar debaixo da Lei: Acaso vocês não ouvem
a Lei? 22 Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da
livre. 23 O filho da escrava nasceu de modo natural, mas o filho da livre nasceu
mediante promessa. 24 Isto é usado aqui como uma ilustração; estas mulheres
representam duas alianças. Uma aliança procede do monte Sinai e gera filhos
para a escravidão: esta é Hagar. 25 Hagar representa o monte Sinai, na Arábia, e
corresponde à atual cidade de Jerusalém, que está escravizada com os seus
filhos. 26 Mas a Jerusalém do alto é livre, e é a nossa mãe. 27 Pois está escrito:
"Regozije-se, ó estéril, você que nunca teve um filho; grite de alegria, você que
nunca esteve em trabalho de parto; porque mais são os filhos da mulher
abandonada do que os daquela que tem marido". 28 Vocês, irmãos, são filhos da
promessa, como Isaque. 29 Naquele tempo, o filho nascido de modo natural
perseguiu o filho nascido segundo o Espírito. O mesmo acontece agora. 30 Mas o
que diz a Escritura? "Mande embora a escrava e o seu filho, porque o filho da
escrava jamais será herdeiro com o filho da livre". 31 Portanto, irmãos, não somos
filhos da escrava, mas da livre.

A mensagem de Paulo é endereçada a "vocês, os que querem estar debaixo da Lei". Há muitas pessoas hoje cuja religião é legalista. Elas imaginam que o caminho que leva a Deus é a observância de regras. Há até cristãos professos que transformam o evangelho em lei. Paulo encontra e refuta essas pessoas em seu

próprio terreno.

O contexto histórico. Os judeus vangloriavam-se de que descendiam de Abraão, pai e fundador de sua nação. Paulo argumenta que a verdadeira descendência de Abraão não é física, mas espiritual. Os verdadeiros filhos de Abraão não são aqueles com uma genealogia judaica impecável, mas os que creram e obedeceram como Abraão.

A dupla descendência de Abraão, o falso sendo literal e físico, e o verdadeiro sentido, figurativo e espiritual, Paulo vê ilustrada nos dois filhos de Abraão, Ismael e Isaque. Ambos tinham Abraão como pai, mas nasceram de mães diferentes. Ismael nasceu na escravidão, enquanto Isaque nasceu na liberdade. Ismael nasceu de acordo com a natureza, mas Isaque nasceu contra a natureza, de modo sobrenatural, por meio de uma promessa excepcional de Deus. Cada um de nós é um Ismael ou um Isaque; por natureza, um escravo, ou, pela graça de Deus, livre.

O argumento alegórico. Deus estabeleceu a velha aliança por meio de Moisés, e a nova aliança por meio de Cristo. O povo de Deus sob a velha aliança eram os judeus, mas seu povo sob a nova aliança são os cristãos, os que creem. Ambos são "Jerusalém", mas o povo da velha aliança de Deus, os judeus, são "a atual cidade de Jerusalém", a cidade terrena, enquanto o povo da nova aliança de Deus, a igreja cristã, é "a Jerusalém do alto", a cidade celestial. Hagar e Sara, as mães dos dois filhos de Abraão, representam as duas alianças (a velha e a nova) e as duas cidades de Jerusalém (a terrena e a celestial).

A aplicação pessoal. O tratamento que Isaque recebeu de seu meio-irmão, Ismael, é o tratamento que os descendentes espirituais de Isaque receberão dos descendentes espirituais de Ismael. E o tratamento que Isaque recebeu de seu pai, Abraão, é o tratamento que devemos esperar de Deus. A perseguição da verdadeira igreja, dos cristãos que descendem espiritualmente de Abraão, nem sempre vem do mundo, mas de nossos meios-irmãos, pessoas religiosas, a igreja

nominal.

Embora tenha sofrido o desprezo de seu meio-irmão, Isaque se tornou herdeiro de Abraão e recebeu a herança. Portanto, devemos procurar ser como Isaque, não como Ismael. Devemos confiar em Deus por meio de Jesus Cristo. Pois somente em Cristo podemos herdar as promessas, receber a graça e desfrutar da liberdade de Deus.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 4.1-31

PARA RESPONDER

Quando e por que você teve uma consciência especialmente forte de que é filho de Deus?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 4.1-31.

Identifique todos os exemplos de simbolismos que você observa nessa

passagem.

Quais são as diferenças entre o modo como um escravo e o filho do dono da propriedade se relacionavam com o senhor (o dono)?

Pense nas diferenças de conversas de ambos, na postura física em relação um ao outro, na atitude em relação à propriedade e em como o tempo na presença um do outro é gasto. Como isso traça um paralelo com seu relacionamento, como filho, com Deus?

No versículo 9 é dito que não apenas conhecemos a Deus, mas somos conhecidos por ele. Você acha isso reconfortante? Inquietante? Encorajador?

Em que sentido (s) Paulo queria que os gálatas se tornassem como ele (v. 12)?

Qual era a diferença entre o que Paulo e seus companheiros queriam para os gálatas e o que os falsos mestres queriam?

Por que você acha que Paulo se recusou a desistir da igreja dos gálatas?

Como Paulo compartilha o amor e o sofrimento de Cristo pelos gálatas?

Como Paulo usa a história dos dois filhos de Abraão, Ismael e Isaque, para ilustrar a supremacia da promessa em relação à lei?

Como Paulo demonstra que a descendência física de Abraão não é suficiente para tornar alguém filho de Deus?

Por que o conflito persiste entre os seguidores da velha e da nova aliança?

Em que sentidos você viu ou experimentou conflitos e mal-entendidos entre cristãos legalistas e os que conhecem a graça de Deus e confiam nas promessas dele?

Em que áreas da vida você está desfrutando da liberdade de um filho de Deus?

PARA APLICAR

Como você normalmente responde ao legalismo?

Como os cristãos “livres” podem se proteger contra o próprio moralismo, evitando que se sintam superiores aos legalistas?

7 GÁLATAS 5.1-15

RELIGIÃO VERDADEIRA E RELIGIÃO FALSA

PERMANEÇAM FIRMES NA LIBERDADE

GÁLATAS 5.1-4

1 Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não
se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão. 2 Ouçam bem o que eu,
Paulo, lhes digo: Caso se deixem circuncidar, Cristo de nada lhes servirá. 3 De
novo declaro a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a
cumprir toda a Lei. 4 Vocês, que procuram ser justificados pela Lei, separaram-se
de Cristo; caíram da graça.

Paulo retrata a antiga condição como escravidão, Jesus Cristo como libertador, a conversão como um ato de emancipação e a vida cristã como uma vida de liberdade. A carta inteira e o contexto deixam claro que essa liberdade não é, primariamente, liberdade do pecado, mas sim da lei. O que Cristo fez foi mais que libertar nossa vontade da escravidão do pecado, foi libertar nossa consciência da culpa que o pecado traz. A liberdade cristã que Paulo descreve é a liberdade de consciência, a liberdade da tirania da lei, da luta terrível para guardar a lei, com o objetivo de ganhar o favor de Deus. É a liberdade da aceitação por Deus e do acesso a ele mediante Cristo. Uma vez que “Cristo nos libertou”, devemos “[permanecer] firmes” nessa liberdade e não nos deixar “submeter novamente a um jugo de escravidão”.

Com o tema geral da liberdade, chegamos à questão precisa da circuncisão. Os falsos mestres, nas igrejas gálatas, diziam que os convertidos cristãos tinham de ser circuncidados. Podemos pensar que esse é um assunto trivial. Por que Paulo fez tanto alvoroço e se incomodou com isso? Por causa das implicações doutrinárias. Como os falsos mestres insistiam, a circuncisão não era uma operação física nem um rito cerimonial, mas um símbolo teológico. Representava um tipo particular de religião, isto é, a salvação pelas boas obras em obediência à lei.

Em três frases Paulo adverte os gálatas sobre os sérios resultados da circuncisão: “Cristo de nada lhes servirá [...] vocês [...] separaram-se de Cristo” e “caíram da graça”. Em termos mais simples, acrescentar a circuncisão é perder Cristo; procurar ser justificado pela lei é cair da graça.

Não se pode ter as duas coisas. É impossível receber Cristo, reconhecendo que você não pode salvar a si mesmo, e então receber a circuncisão, afirmando, desse modo, que você pode. É preciso escolher entre uma religião da lei e uma religião da graça, entre Cristo e a circuncisão. Não é possível acrescentar a circuncisão (ou qualquer outra condição, por sinal) como requisito necessário para a salvação, porque Cristo é suficiente. Se acrescentarmos algo a Cristo, o perderemos. A salvação está em Cristo, e nada mais, somente pela graça e mediante a fé.

AGUARDANDO NA FÉ

GÁLATAS 5.5-6

5 Pois é mediante o Espírito que nós aguardamos pela fé a justiça, que é a nossa
esperança. 6 Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão têm efeito
algum, mas sim a fé que atua pelo amor.

O pronome passa de vocês para nós. Paulo estava se dirigindo aos seus leitores e advertindo-os acerca do perigo de cair da graça. Ele se inclui entre os que verdadeiramente creem, os cristãos evangélicos, que estão no evangelho da graça, e faz duas declarações sobre a fé.

Primeiro, “nós aguardamos pela fé a justiça, que é a nossa esperança”. A expectativa para o futuro que a justificação traz é passar a eternidade com Cristo no céu. Por essa salvação esperamos. Não trabalhamos para isso; esperamos pela fé. Não nos esforçamos, ansiosos, para obtê-la, nem imaginamos que temos de conquistá-la pelas boas obras. A glorificação final no céu é tão gratuita quanto a justificação inicial. Então, pela fé, confiando somente no Cristo crucificado, esperamos por ela.

Segundo, “em Cristo Jesus [...] o que importa é a fé que age por meio do amor” [NTLH]. Novamente, Paulo nega o falso ensino. Quando uma pessoa está em Cristo, nada mais é necessário. Nem circuncisão nem incircuncisão podem melhorar nossa posição diante de Deus. Tudo que é necessário para ser aceito por Deus é estar em Cristo, e nós estamos em Cristo pela fé.

Essa ênfase na fé em Cristo significa que podemos viver e agir como quisermos? A vida cristã é uma vida de fé tão plena que as boas obras e a obediência à lei não importam? Não. Paulo é muito cuidadoso no sentido de evitar passar essa impressão. É “mediante o Espírito” que aguardamos a esperança de justiça. A vida cristã não é apenas uma vida de fé; é uma vida no Espírito. O Espírito Santo, que habita em nós, produz boas obras de amor. E o que importa é a “fé que atua pelo amor”. Não é que as obras de amor sejam acrescentadas à fé como segundo e subsidiário fundamento da aceitação por Deus, mas que a fé salvífica é uma fé operante, que resulta em amor.

UMA CORRIDA INTERROMPIDA

GÁLATAS 5.7-9

7 Vocês corriam bem. Quem os impediu de continuar obedecendo à verdade? 8 Tal
persuasão não provém daquele que os chama. 9 "Um pouco de fermento leveda
toda a massa."

Paulo gostava de comparar a vida cristã a uma corrida na arena. A expressão "corriam bem" não é apenas crer na verdade (como se o cristianismo não passasse de uma ortodoxia), nem apenas se comportar bem (como se fosse apenas retidão moral), mas "[obedecer] à verdade", aplicar a fé ao comportamento. Somente quem obedece à verdade é um cristão que se integrou à fé. Aquilo em que cremos e como nos comportamos devem ser consistentes. Nossa crença é expressa em nossa conduta; e esta é derivada daquela.

Os gálatas haviam começado a corrida cristã e, a princípio, corriam bem. Eles creram na verdade de que Cristo os havia libertado e obedeceram a ela, desfrutando da liberdade que Cristo lhes tinha dado. Mas alguém os deteve; um obstáculo foi lançado na pista para desviá-los do caminho. Falsos mestres contradisseram a verdade em que os gálatas haviam crido. Consequentemente, eles abandonaram Cristo e caíram da graça.

Os falsos mestres persuadiram os gálatas para que abandonassem a verdade do evangelho, mas essa obra de persuasão não era do Deus que os havia chamado, pois ele os havia chamado na graça, enquanto os falsos mestres propagavam uma doutrina de mérito. A mensagem dos falsos mestres era inconsistente com o chamado dos gálatas.

Paulo usa o provérbio comum: "Um pouco de fermento leveda toda a massa",

isto é, o erro dos falsos mestres estava se espalhando pela comunidade cristã, de tal maneira que toda a igreja estava se contaminando. Então, devido à causa e ao efeito do falso ensino, uma vez que não era de Deus, e uma vez que sua influência estava se espalhando, Paulo estava determinado a combatê-lo.

A PROVA DA PERSEGUIÇÃO

GÁLATAS 5.10-12

10 Estou convencido no Senhor de que vocês não pensarão de nenhum outro
modo. Aquele que os perturba, seja quem for, sofrerá a condenação. 11 Irmãos, se
ainda estou pregando a circuncisão, por que continuo sendo perseguido? Nesse
caso, o escândalo da cruz foi removido. 12 Quanto a esses que os perturbam,
quem dera que se castrassem!

Paulo tem plena certeza de que o erro não triunfará e de que os gálatas recobrarão o bom senso. Ele sabe que os falsos mestres, por mais eminentes que sejam, ficarão sob o juízo de Deus. De fato, Paulo está tão preocupado com os danos que os falsos mestres estão causando, que até expressa o desejo de que se castrem como os sacerdotes pagãos. Para os nossos ouvidos, seu sentimento parece grosseiro e maldoso. Podemos ter plena certeza, no entanto, de que não se deve a um espírito intemperado nem a uma sede de vingança, mas ao seu profundo amor pelo povo de Deus e pelo evangelho de Deus.

Parece que esses mestres ousaram afirmar que Paulo era um defensor de suas visões. Eles estavam espalhando o boato de que Paulo também pregava e defendia a circuncisão. O apóstolo nega isso categoricamente e passa a dar evidências de que a afirmação deles era falsa. Os falsos mestres estavam pregando a circuncisão; ele estava pregando Cristo e a cruz. Pregar a circuncisão é dizer aos pecadores que eles podem se salvar por meio de boas obras; pregar o Cristo crucificado é dizer-lhes que somente Cristo pode salvá-los por meio da

cruz. A mensagem da circuncisão é inofensiva e lisonjeira; a mensagem do Cristo crucificado é ofensiva ao orgulho humano. Então, pregar a circuncisão é evitar a perseguição, enquanto pregar o Cristo crucificado é convidá-la.

Uma vez que estava sendo perseguido, Paulo afirma que não estava pregando a circuncisão. Pelo contrário, estava pregando o Cristo crucificado, e a pedra de tropeço da cruz não havia sido removida. Eram os falsos mestres que estavam pressionando os gálatas a serem circuncidados, a fim de evitarem a perseguição pela cruz de Cristo.

Ao longo dos séculos da Igreja de Cristo até – e incluindo – os dias de hoje, os pregadores cristãos que se recusam a distorcer ou a diluir o evangelho da graça têm de sofrer por sua fidelidade. Se pregarmos esse evangelho, despertaremos escárnio e oposição. Somente se pregarmos a "circuncisão", o mérito e a suficiência humanos, é que escaparemos da perseguição e nos tornaremos populares.

O cristianismo não nos permite ficar indecisos nem escondidos. Ele nos instiga a sermos claros e decisivos e, em particular, a escolhermos entre a circuncisão – o mérito humano – e o Cristo crucificado.

SERVINDO MEDIANTE O AMOR

GÁLATAS 5.13

13 Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade
para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros
mediante o amor.

Tendo afirmado que fomos chamados à liberdade, Paulo imediatamente se põe a definir a liberdade à qual fomos chamados, a fim de evitar que ela seja mal interpretada e de protegê-la contra o abuso irresponsável. Em resumo, trata-se da liberdade da terrível escravidão de ter que merecer o favor de Deus; não se trata da liberdade de tudo que nos controla.

Na linguagem do apóstolo Paulo, “a carne” não é o que reveste o esqueleto ósseo, mas a natureza humana caída, que herdamos de nossos pais, os quais, por sua vez, herdaram dos deles, e que é distorcida pelo egocentrismo e, portanto, propensa ao pecado. Não devemos usar a liberdade cristã para satisfazer a carne. A liberdade em Cristo não deve ser usada como pretexto para satisfação dos próprios desejos.

Liberdade cristã é liberdade do pecado, não liberdade para pecar. É uma liberdade irrestrita para nos aproximarmos de Deus como seus filhos, não uma liberdade irrestrita para mergulharmos no próprio egoísmo.

Liberdade cristã não é liberdade para fazer o que quero, independentemente do bem-estar do próximo, como também não é liberdade para satisfazer a carne. É a liberdade para me aproximar de Deus sem medo, não para explorar, sem amor, o próximo.

Na verdade, longe de termos liberdade para ignorar, negligenciar ou tratar mal nossos semelhantes, somos ordenados a amá-los e, mediante o amor, a servir-lhes. Não devemos usá-los como se eles fossem objetos, mas respeitá-los como pessoas e oferecer-nos para servir-lhes. Mediante o amor, devemos literalmente tornar-nos escravos uns dos outros, sacrificando nosso bem pelo deles, não o contrário.

É um paradoxo notável. Pois, por um ponto de vista, liberdade cristã é uma forma de escravidão – não escravidão à carne, mas ao próximo. Somos livres em relação a Deus, mas escravos em relação aos outros.

A LEI DO AMOR

GÁLATAS 5.14-15

14 Toda a Lei se resume num só mandamento: “Ame o seu próximo como a si
mesmo”. 15 Mas se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, cuidado para
não se destruírem mutuamente.

O apóstolo não diz que, se amamos uns aos outros, podemos violar seguramente a lei de Deus em nome do amor, mas que se amarmos uns aos outros, cumpriremos a lei de Deus, porque toda a lei se resume neste único mandamento: “Ame o seu próximo como a si mesmo”.

A liberdade cristã em relação à lei, a qual Paulo enfatiza, diz respeito ao relacionamento com Deus. Significa que a aceitação não depende da obediência às exigências da lei, mas da fé em Jesus Cristo, que suportou a maldição da lei quando morreu. Certamente não significa que estamos livres para desrespeitar a lei ou desobedecer a ela.

Pelo contrário, embora não possamos ser aceitos por observarmos a lei, uma vez aceitos, guardaremos a lei por amor a quem nos aceitou e nos deu o Espírito Santo para nos permitir guardá-la. Na terminologia do Novo Testamento, embora a justificação não dependa da lei, mas do Cristo crucificado, a santificação consiste no cumprimento da lei.

Se amarmos uns aos outros, serviremos uns aos outros e, se servirmos uns aos outros, não iremos “[morder] e [devorar] uns aos outros” em conversas ou ações maldosas. Pois morder e devorar é destrutivo, enquanto amar é construtivo.

Liberdade cristã não é liberdade para satisfazer a carne, mas para controlá-la; não é liberdade para explorar o próximo, mas para servir-lhe; não é liberdade para desrespeitar a lei, mas para cumpri-la. Todo aquele que foi verdadeiramente liberto por Jesus Cristo expressa a liberdade nestes três sentidos: primeiro, no autocontrole; segundo, no serviço amoroso ao próximo e, terceiro, na obediência à lei de Deus.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 5.1-15

PARA RESPONDER

Diferentes vertentes da igreja cristã praticam várias cerimônias e observam diversas meticulosidades de acordo com a consciência. Como você discerne se um costume ou prática se tornou algo necessário para a salvação?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 5.1-15.

Com o que Paulo se mostra preocupado nessa passagem?

Quais palavras e expressões ao longo dessa passagem indicam o que significa ser livre?

A maioria das pessoas valoriza muito a própria liberdade. Por que alguém precisaria ser advertido a permanecer firme e não se submeter à escravidão?

Em que ocasião poderia se dizer que Jesus Cristo “de nada lhes servirá” (v. 2)?

No versículo 4, como você interpreta a expressão paulina “caíram da graça”?

Se fomos declarados justos em Cristo, por que Paulo diz que ainda esperamos por isso (v. 5)?

Nos versículos 7-12, o contraste é entre “aquele que os perturba” (o falso mestre) e Paulo, que está ensinando a verdade de Deus. Como a imagem de uma corrida ilustra o problema?

Como Paulo poderia ter tanta certeza de que a “persuasão” dos falsos mestres (v. 10) não era de Deus, que havia chamado os gálatas?

Qual é o significado do “fermento na massa” (v. 9)?

Do que Paulo estava sendo falsamente acusado, e como ele responde (v. 11-12)?

Descreva algumas maneiras pelas quais o uso indevido da liberdade cristã pode levar à satisfação dos próprios desejos.

Como a liberdade poderia levar os cristãos a atacarem uns aos outros (v. 15)?

Por que o mandamento “ame o seu próximo como a si mesmo” é um resumo apropriado da lei de Deus?

PARA APLICAR

Em que sentido você está correndo maior perigo de impor uma exigência, como faziam os judaizantes?

Como você está inclinado a satisfazer os próprios desejos em nome da liberdade em Cristo?

8 GÁLATAS 5.16–6.5

AMANDO UNS AOS OUTROS

CARNE VERSUS SANGUE

GÁLATAS 5.16-18

16 Por isso digo: Vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da
carne. 17 Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é
contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês
não fazem o que desejam. 18 Mas, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão
debaixo da Lei.

Toda vez que escreve sobre liberdade, Paulo acrescenta a advertência de que podemos facilmente perdê-la. Alguns deixam a liberdade e voltam à escravidão; outros transformam a liberdade em libertinagem. Ele enfatizou que a verdadeira liberdade cristã se expressa no domínio próprio, no serviço amoroso ao próximo e na obediência à lei de Deus. A questão é: como essas ações são possíveis? E a resposta: pelo Espírito Santo. Somente ele pode nos manter verdadeiramente livres.

Paulo apresenta o Espírito Santo como o Santificador, o único que pode se opor e subjugar a carne, capacitar-nos para cumprir a lei, a fim de que sejamos libertos de seu severo domínio, e fazer com que os frutos da justiça cresçam em nossa vida. É verdade que é Cristo quem nos liberta. Mas sem a obra contínua, diretiva e santificadora do Espírito Santo, nossa liberdade está fadada a se

transformar em libertinagem.

Paulo identifica um conflito cristão no qual os adversários são chamados de “a carne” e “o Espírito”. Com “a carne”, Paulo se refere ao que somos por natureza e herança, nossa condição caída. Com “o Espírito”, ele parece se referir ao Espírito Santo, que nos renova e nos regenera, dando-nos primeiro uma nova natureza, e depois permanecendo em nós. Em termos mais simples, podemos dizer que “a carne” representa o que somos pelo nascimento natural, e “o Espírito” o que nos tornamos por meio do novo nascimento. E a carne e o Espírito estão em nítida oposição um ao outro.

Alguns mestres afirmam que o cristão não tem conflito interior nem guerra civil porque (dizem eles) a carne foi erradicada e a velha natureza está morta. Essa passagem contradiz tal visão. Certamente, à medida que aprendemos a andar no Espírito, a carne se torna cada vez mais subjugada. Mas a carne e o Espírito permanecem, e o conflito entre eles é violento e incessante. Podemos ir mais longe e dizer que esse é um conflito especificamente cristão. Não negamos que há um conflito moral em pessoas não cristãs, mas ele é mais forte nos cristãos porque possuímos duas naturezas – carne e Espírito – em um antagonismo irreconciliável.

Então Paulo está enfatizando que a vida em Cristo é liberdade. E o gozo da liberdade cristã depende do Espírito Santo.

AS OBRAS DA CARNE

GÁLATAS 5.19-21

19Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e

libertinagem; [20]idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções [21]e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus.

“As obras da carne” são claras para todos. A própria carne, a velha natureza, é secreta e invisível; mas suas obras, as palavras e ações nas quais ela irrompe, são públicas e notórias. O que elas são?

Paulo já mencionou “os desejos da carne” (v. 16). Podemos pensar neles como vontades conectadas aos apetites físicos, mas o significado de Paulo é muito mais amplo do que esse. Para ele, “os desejos da carne” são todos os desejos pecaminosos da natureza caída. Sua terrível lista de “obras da carne” torna isso inquestionável. A lista não é exaustiva, pois ele acrescenta a expressão “e coisas semelhantes”. Mas aquelas que ele inclui pertencem a, pelo menos, quatro esferas: sexo, religião, sociedade e bebida.

Primeiro, a esfera do sexo: “imoralidade sexual, impureza e libertinagem”. Essas três palavras são suficientes para mostrar que todos os pecados sexuais, sejam públicos ou privados, estejam dentro ou fora do casamento, sejam “naturais” ou “não naturais”, devem ser classificados como “obras da carne”.

Segundo, a esfera da religião: “idolatria e feitiçaria”. É importante observar que a idolatria é tanto uma obra da carne quanto imoralidade, e que, portanto, as obras da carne incluem ofensas contra Deus, contra o próximo ou contra nós mesmos.

Terceiro, a esfera da sociedade: Paulo dá oito exemplos de colapso das relações pessoais: “ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja”.

Quarto, a esfera da bebida: “embriaguez, orgias”.

A essa lista das obras da carne no que diz respeito ao sexo, à religião, à sociedade e à bebida, Paulo acrescenta uma séria advertência: “Eu os advirto, como antes já os adverti [quando estava com eles na Galácia]: Aqueles que praticam essas coisas [o verbo se refere à prática habitual em vez de um lapso isolado] não herdarão o Reino de Deus”. Uma vez que o reino de Deus é um reino de santidade, justiça e domínio próprio, os que se entregam às obras da carne serão excluídos dele. Tais obras evidenciam que eles não estão em Cristo e, se eles não estão em Cristo, então não são descendentes de Abraão e não podem “[herdar] o reino de Deus”.

O FRUTO DO ESPÍRITO

GÁLATAS 5.22-23

22 Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade,
fidelidade, 23 mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei.

Nessa passagem há um conjunto de nove virtudes cristãs que parecem retratar a atitude dos cristãos para com Deus, para com as pessoas e para com eles.

“Amor, alegria, paz.” Essa é uma tríade de virtudes cristãs gerais. No entanto, elas parecem, em primeiro lugar, dizer respeito à atitude para com Deus, pois, como cristãos, nosso primeiro amor é o amor por Deus, nossa principal alegria é a alegria em Deus, e nossa paz mais profunda é a paz com Deus.

Em seguida, temos “paciência, amabilidade, bondade”. Essas são virtudes sociais voltadas para os outros. Paciência é tolerância para com os que nos irritam ou nos perseguem. Amabilidade relaciona-se à disposição, enquanto bondade traduz-se em palavras e ações.

A terceira tríade é “fidelidade, mansidão e domínio próprio”. Fidelidade parece descrever a confiabilidade de uma pessoa cristã. Mansidão é a humildade que Cristo exibiu. Ambas são aspectos de autocontrole ou domínio próprio.

Todas essas qualidades são “o fruto do Espírito”. São o produto natural que aparece na vida de cristãos guiados pelo Espírito. Não é de admirar que Paulo acrescente: “Contra tais coisas não há lei”. A função da lei é conter, restringir e deter; mas aqui nenhum impedimento é necessário.

A esta altura deveria estar ainda mais claro que “a carne” e “o Espírito” estão em conflito efetivo um com o outro. Ambos puxam em direções opostas “de modo que vocês não fazem o que desejam” (v. 17). Um cristão diz: “Minha nova natureza tem fome de Deus, de santidade e de bondade. Eu quero ser bom e praticar o bem”. Essa é a linguagem de todo cristão regenerado. “Mas”, temos de acrescentar, “sozinho, ainda que com esses novos desejos, não consigo fazer o que quero. Por que não? Por causa do pecado que habita em mim”.

Esse é o conflito cristão – violento, amargo e incessante. É um conflito em que não podemos ser vitoriosos sozinhos.

A história termina assim? Isso é tudo que o cristianismo oferece – uma experiência de derrota contínua? Na verdade, não é. Se ficássemos por nossa conta, não poderíamos fazer o que queremos; pelo contrário, sucumbiríamos aos

desejos da velha natureza. Contudo, se “[vivermos] pelo Espírito”, então “de modo nenhum [satisfaremos] os desejos da carne” (v. 16). Nós ainda iremos tê-los, mas não iremos satisfazê-los. Pelo contrário, produziremos “o fruto do Espírito”.

VIVAM PELO ESPÍRITO

GÁLATAS 5.24-25

24 Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os
seus desejos. 25 Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito.

A crucificação da qual Paulo fala nesse trecho não é a mesma que ele fala em outras passagens, em que diz que estamos crucificados com Cristo pela união de fé com ele. Aqui, nós é que tomamos medidas para sermos crucificados.

“Tomar a cruz” era a vívida figura de linguagem de Jesus para a autonegação. Paulo leva a metáfora à conclusão lógica – não devemos apenas tomar a cruz e andar com ela, mas, na verdade, entender que a execução acontece. Devemos tomar a carne, nosso ego obstinado e rebelde, e (metaforicamente falando), pregá-lo na cruz.

A rejeição cristã à velha natureza deve ser implacável. A crucificação não era aplicada em pessoas boas ou refinadas; era reservada aos piores criminosos, o que explica por que foi tão vergonhoso para Jesus Cristo ser crucificado. Se quisermos crucificar a carne, está claro que ela não é algo digno de ser tratado com cortesia e zelo, mas algo tão maligno que não merece melhor destino do que ser crucificada.

A rejeição à velha natureza será dolorosa. A crucificação era uma forma intensamente dolorosa de execução. E qual de nós não conhece a dor aguda do conflito interior quando renunciamos aos prazeres do pecado?

A rejeição à velha natureza deve ser definitiva. Uma vez pregado na cruz, o criminoso foi deixado lá para morrer. Então, diz Paulo, se tivermos crucificado a carne, devemos deixá-la na cruz para morrer. Devemos renovar todos os dias a rejeição implacável e inflexível ao pecado.

Voltemos para a atitude que devemos adotar para com o Espírito Santo. Devemos ser "guiados pelo Espírito" (v. 18) e "[viver] pelo Espírito" (v. 16) ou "[andar] também pelo Espírito" (v. 25). O Espírito é quem guia, mas nós é que andamos.

Como nosso guia, o Espírito Santo toma a iniciativa. Ele expressa seus desejos contra os da carne e forma desejos santos e celestiais em nós. Ele exerce essa gentil pressão sobre nós, e devemos ceder à sua direção e ao seu controle.

Porém, é um grande erro supor que todo o nosso dever está na submissão passiva ao controle do Espírito, como se tudo que tivéssemos de fazer fosse nos entregar à sua direção. Pelo contrário, nós é que devemos andar, ativa e decididamente, no caminho correto. Andar pelo Espírito é andar deliberadamente no caminho ou de acordo com o padrão que o Espírito Santo estabelece. Não basta nos entregarmos passivamente ao controle do Espírito; devemos também andar efetivamente no caminho dele.

RELACIONAMENTOS RECÍPROCOS

GÁLATAS 5.26–6.2

26 Não sejamos presunçosos, provocando uns aos outros e tendo inveja uns dos
outros. 1 Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são
espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para
que também não seja tentado. 2 Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim,
cumpram a lei de Cristo.

"Não sejamos presunçosos, provocando uns aos outros e tendo inveja uns dos outros." Essas são palavras muito instrutivas, porque mostram que a conduta para com os outros é determinada pela opinião sobre nós mesmos. Quando somos presunçosos, os relacionamentos estão fadados a serem envenenados.

Se nos consideramos superiores às pessoas, nós as desafiamos, pois queremos que conheçam e sintam nossa superioridade. Se as consideramos superiores a nós, nós as invejamos. Em ambos os casos, nossa atitude se deve ao fato de termos uma opinião tão fantasiosa sobre nós que não podemos suportar rivais. Muito diferente é o amor que é o fruto do Espírito, que os cristãos exibem quando andam pelo Espírito. O Espírito Santo abriu-lhes os olhos para que pudessem ver tanto o próprio pecado como sua indignidade, e também a importância e o valor das outras pessoas aos olhos de Deus.

A ordem "levem os fardos pesados uns dos outros" pressupõe que todos temos fardos e que Deus não deseja que os levemos sozinhos. É claro que podemos colocar os fardos em Cristo, mas uma das maneiras pelas quais ele os leva é por meio da amizade humana. Ser alguém que carrega fardos é um grande ministério. É algo que todo cristão deve e pode fazer. É uma consequência natural da prática de andar pelo Espírito.

Paulo dá um exemplo de como levar um fardo: "Se alguém for surpreendido em

algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão". Se notarmos alguém fazendo algo errado, não devemos ficar parados sem fazer nada. Também não devemos desprezar ou condenar o pecador, denunciá-lo ao ministro ou fazer mexericos sobre ele. Não, devemos restaurar essa pessoa. E são apenas os "que vivem pelo Espírito" que devem tentar a restauração. Ela deve ser feita com mansidão – um dos frutos do Espírito. Paulo acrescenta que devemos ter cuidado para também não sermos tentados. Isso sugere que a mansidão em relação aos outros nasce do senso da própria fraqueza e tendência ao pecado.

Se andarmos pelo Espírito, amaremos mais uns aos outros; se amarmos mais uns aos outros, levaremos os fardos uns dos outros; e, se levarmos os fardos uns dos outros, não deixaremos de procurar restaurar um cristão que caiu em pecado. Se obedecermos à referida instrução apostólica como devemos, evitaremos muitos mexericos e também a apostasia; a igreja avançará e o nome de Cristo será glorificado.

EXAMINE OS PRÓPRIOS ATOS

GÁLATAS 6.3-5

3 Se alguém se considera alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo.
4 Cada um examine os próprios atos, e então poderá orgulhar-se de si mesmo,
sem se comparar com ninguém, 5 pois cada um deverá levar a própria carga.

A implicação de Paulo é que, se não tomamos – ou não tomarmos – os fardos uns dos outros, é porque nos consideramos superiores. Não nos rebaixaríamos a tal coisa; ela estaria abaixo de nossa dignidade. Mais uma vez, é notável que a conduta para com os outros é governada pela opinião sobre nós mesmos. Assim como provocamos e invejamos outras pessoas quando somos presunçosos, nós nos recusamos a carregar o fardo dos outros quando pensamos que somos

“alguma coisa”.

A verdade é que não somos coisa alguma; não somos nada. Isso é um exagero? Não quando o Espírito Santo abriu nossos olhos para vermos como somos, rebeldes contra o Deus que nos fez à sua imagem, não merecendo nada de suas mãos, a não ser a destruição. Quando nos dermos conta e nos lembrarmos disso, não nos compararemos de modo favorável com outras pessoas, nem nos recusaremos a servir a elas ou a carregar os seus fardos.

Mesmo quando formos cristãos, redimidos por Deus por meio de Jesus Cristo, não devemos nos comparar com os outros. Essas comparações são odiosas e perigosas, como o apóstolo continua a dizer. Em vez de examinarmos o próximo e nos compararmos a ele, devemos “[examinar] os [nossos] próprios atos”, pois teremos de levar a “própria carga”. Ou seja, somos responsáveis perante Deus por nosso trabalho e deveremos, um dia, prestar-lhe conta disso.

Devemos levar os fardos uns dos outros que são muito pesados para uma pessoa carregar sozinha. Mas há um fardo que não podemos compartilhar – na verdade, não precisamos compartilhar, porque é um fardo suficientemente leve para cada um carregar – a responsabilidade para com Deus no dia do juízo. Nesse dia você não poderá levar o meu fardo, e eu não poderei levar o seu. Cada um de nós deverá responder individualmente a Deus.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 5.16–6.5

PARA RESPONDER

Para alguns cristãos, o Espírito Santo é o membro mais vago da Trindade. Para outros, ele é vital para sua experiência em Cristo. Como você vê o papel do Espírito Santo no modo como ele se envolve em sua vida espiritual?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 5.16–6.5.

Quais são as causas e alguns efeitos práticos do conflito moral interior do cristão?

Todos nós, cristãos, temos a infeliz experiência de descobrir que queremos fazer a vontade de Deus, mas não conseguimos. Quando temos essa percepção sobre nós mesmos, quais são algumas maneiras típicas de reagir e por quê?

Dois modos de vida são descritos em Gálatas 5.19-25. Qual é a raiz do contraste entre eles?

Considere as áreas do sexo, da religião, da sociedade e da bebida. Por que cada uma delas é especialmente vulnerável à corrupção pela natureza pecaminosa?

Reflita nas qualidades de caráter chamadas de “o fruto do Espírito” em Gálatas

5.22-23. O que é significativo sobre o fato de serem chamadas de “fruto”, em contraste com as “obras” da natureza pecaminosa?

Por que a crucificação (5.24) é uma descrição apropriada do que deve acontecer com a natureza pecaminosa?

Como o fruto do Espírito nos torna parecidos com Cristo na atitude para com Deus? Para com outras pessoas? Para com nós mesmos?

Por que a presunção nos leva a provocar uns aos outros e a ter inveja uns dos outros (5.26)?

Como você identificaria uma pessoa que está vivendo pelo Espírito (6.1)?

Que tentações surgem quando você se envolve na restauração de um cristão que caiu em pecado (6.1)?

Quais são alguns exemplos de fardos que os cristãos podem e devem carregar uns para os outros?

Quando Paulo fala de levar os fardos uns dos outros, quais frutos do Espírito ele está chamando os cristãos a exercerem?

Quando outros cristãos o ajudaram a carregar seus fardos?

PARA APLICAR

Quais são os fardos que você precisa dividir com os outros?

De quem são os fardos que você pode ajudar a levar hoje?

9 GÁLATAS 6.6-18

SEMEANDO E COLHENDO

AMIZADE RECÍPROCA

GÁLATAS 6.6

6O que está sendo instruído na palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui.

Seja a instrução dada de modo particular, em uma escola onde convertidos estão sendo preparados para o batismo, ou numa congregação inteira pelo pastor, o princípio é o mesmo: aquele a quem é ensinada a palavra deve ajudar a sustentar o mestre. Logo, um ministro deve esperar ser sustentado pela congregação. Quem que semeia a boa semente da Palavra de Deus deve colher o seu sustento.

Para algumas pessoas, isso é constrangedor. Mas o princípio é enfatizado muitas vezes nas Escrituras. Se for devidamente aplicado, o princípio contém suas próprias garantias. No entanto, devemos considerar as duas possíveis maneiras em que ele é mal aplicado.

Embora poucos ministros possam ser descritos como obreiros com salários muito altos, a imagem popular do ministro cristão (pelo menos no mundo ocidental) parece ser a de um trabalho seguro e pouco exigente. Alguns

ministros cristãos são tentados a cair na preguiça. Muitas vezes ninguém supervisiona seu trabalho. Portanto, não é inédito que alguns relaxem. É compreensível, portanto, que Paulo renuncie ao seu direito de ganhar a vida com o evangelho e pregue sem cobrar nada, obtendo o sustento como fabricante de tendas. No entanto, o princípio bíblico é claro: o ministro deve estar livre da necessidade de ter um salário secular para se dedicar ao estudo, ao ministério da Palavra e ao cuidado do rebanho.

Se o princípio da congregação pagando ao ministro pode ser um incentivo para que ele seja preguiçoso e negligente, também pode tentar a congregação a controlar o ministro. Algumas congregações exercem tirania e quase chantageiam o pastor para que ele pregue o que desejam ouvir. É claro que é errado um ministro ceder a essa pressão, mas também é errado que uma congregação o coloque nessa situação.

O ministro compartilha bens espirituais com a congregação, e a congregação compartilha bens materiais com o ministro. A relação correta entre mestre e aluno, ou entre ministro e congregação, é de parceria e comunhão.

DUAS COLHEITAS LÓGICAS

GÁLATAS 6.7-8

7 Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear,
isso também colherá. 8 Quem semeia para a sua carne, da carne colherá
destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna.

Paulo compara a vida cristã a uma fazenda onde a carne e o Espírito são dois campos nos quais podemos semear. A colheita que temos depende de onde e do

que semeamos.

Esse é um princípio vitalmente importante, mas negligenciado, sobre a santidade. Não somos vítimas indefesas de nossa natureza, de nosso temperamento e do ambiente. Pelo contrário, o que nos tornamos depende em grande parte de como nos comportamos. Nosso caráter é moldado por nossa conduta.

“Semear para a carne” é ceder a ela e satisfazê-la, em vez de crucificá-la. As sementes que semeamos são, em grande parte, pensamentos e ações. Toda vez que permitimos que nossa mente guarde rancor, alimente um ressentimento, se entretenha com uma fantasia impura ou mergulhe em autopiedade, estamos semeando para agradar à carne. Toda vez que ficamos com más companhias, cuja influência sabemos que não podemos resistir; toda vez que nos deitamos na cama quando deveríamos orar; toda vez que cedemos à pornografia; toda vez que assumimos um risco que sobrecarrega nossa capacidade de domínio próprio, estamos semeando para agradar à carne.

Em contrapartida, “semear para o Espírito” significa viver pelo Espírito (Gl 5.16) e andar pelo Espírito (Gl 5.25). Mais uma vez, as sementes são os pensamentos e as ações. Pelo conteúdo que lemos, pelas companhias que temos e pelas atividades de lazer que buscamos, podemos semear para agradar ao Espírito. Além disso, devemos promover hábitos disciplinados de devoção em nossa vida particular e pública, na oração diária e na leitura bíblica, e no culto com o povo de Deus no dia do Senhor. Tudo isso é semear para o Espírito; sem tais atitudes, não pode haver colheita do Espírito nem fruto do Espírito.

Paulo faz distinção entre as duas colheitas, bem como entre as duas semeaduras. Os resultados são apenas lógicos. Se semearmos para a carne, “[colheremos] destruição”. Um processo de decadência moral se instalará. Iremos de mal a pior até que finalmente pereçamos. Se, por outro lado, semearmos para o Espírito, “[colheremos] a vida eterna”. Um processo de crescimento moral e espiritual

começará. A comunhão com Deus (que é a vida eterna) se desenvolverá até que, na eternidade, se torne perfeita.

Santidade é uma colheita; se iremos colhê-la ou não dependerá do que e de onde semearmos. Se quisermos uma colheita de santidade, devemos evitar semear para a carne e continuar a semear para o Espírito. É outra maneira de dizer (como em Gl 5) que devemos crucificar a carne e andar pelo Espírito. Não há outro modo de crescer em santidade.

UMA COLHEITA CERTA

GÁLATAS 6.9-10

9 E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não
desanimarmos. 10 Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos,
especialmente aos da família da fé.

O serviço cristão efetivo é um trabalho cansativo e exigente. Somos tentados a desanimar, a afrouxar e até a desistir. Portanto, o apóstolo dá este incentivo: ele nos diz que fazer o bem é como plantar sementes. Se perseverarmos na semeadura, então “no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos”.

Se o agricultor se cansar de semear e deixar metade do campo sem semeadura, haverá apenas metade da colheita. Acontece o mesmo com as boas obras. Se quisermos uma colheita, então devemos terminar a semeadura e ser pacientes. Não podemos esperar semear e colher no mesmo dia.

Se a semeadura é a prática de boas obras, o que é a colheita? Paulo não nos diz; ele nos deixa deduzir. Mas fazer pacientemente o bem na igreja ou na comunidade sempre produz bons resultados. Pode trazer conforto, alívio ou assistência aos necessitados. Pode levar um pecador ao arrependimento e à salvação. Pode ajudar a frear a deterioração moral da sociedade e até a torná-la um lugar mais agradável e saudável para se viver. Pode aumentar o respeito das pessoas pelo que é belo, bom e verdadeiro. E trará bem a quem o faz também – não a salvação, pois ela é um dom gratuito de Deus, mas certa recompensa no céu pelo serviço fiel, a qual provavelmente assumirá a forma de um serviço ainda mais responsável.

"Portanto", uma vez que a semeadura da boa semente resulta em boa colheita, "enquanto temos oportunidade" [e a vida terrena está cheia de oportunidades], "façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé". Estes são irmãos e irmãs na família de Deus. Nossos parentes podem reivindicar a primeira lealdade, mas o altruísmo cristão nunca deve parar por aí.

Jesus disse que devemos amar e servir não apenas aos nossos amigos, mas aos nossos inimigos. Persistir na prática do bem é uma característica do verdadeiro cristão. É uma característica tão indispensável que será tida como evidência da fé salvífica no dia do juízo.

Devemos esperar colher o que semeamos. Portanto, se quisermos ter uma boa colheita, devemos semear boas sementes. Então, no devido tempo, teremos a certeza de uma colheita abundante.

EXTERNO OU INTERNO?

GÁLATAS 6.11-12

11Vejam com que letras grandes estou lhes escrevendo de próprio punho! 12Os que desejam causar boa impressão exteriormente, tentando obrigá-los a se circuncidarem, agem desse modo apenas para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.

Fundamentalmente, o cristianismo não é uma religião de cerimônias externas, mas algo interior e espiritual, que acontece no coração. Mas os judaizantes se concentravam em algo exterior, isto é, na circuncisão. Paulo é sincero sobre o motivo: eles “desejam causar boa impressão exteriormente”. Os judaizantes elevaram a circuncisão a uma ordenança de importância central, insistindo que, sem ela, ninguém poderia ser salvo. Mas como uma operação física e externa poderia assegurar a salvação da alma ou ser uma condição indispensável para a salvação? Tal afirmação é simplesmente absurda.

O que importa, em primeiro lugar, não é se uma pessoa foi circuncidada (ou batizada) ou não, mas se ela nasceu de novo e é uma nova criatura. A circuncisão era e o batismo é um sinal exterior e selo disso. A circuncisão do corpo simboliza a circuncisão do coração. Da mesma forma, o batismo com água simboliza o batismo com o Espírito Santo. É lamentavelmente trágico quando nossos pensamentos ficam tão atordoados que substituímos a coisa simbolizada pelo sinal, enaltecemos um cerimonial físico em lugar de uma mudança de coração e adotamos a circuncisão ou o batismo, em vez de a nova criação, como o caminho para a salvação. Circuncisão e batismo são relativos à carne, cerimônias externas e visíveis realizadas por pessoas; a nova criação é o nascimento do Espírito, um milagre interior e invisível realizado por Deus.

Ao longo da história, o povo de Deus, muitas vezes, repetiu esse erro. Transformou uma religião do coração em um espetáculo superficial e exterior, e Deus repetidamente enviou mensageiros para reprová-lo e chamá-lo novamente a uma religião espiritual e interior. Grande parte da “igrejice” contemporânea é a mesma coisa – seca, monótona, deprimente, morta e, principalmente, um espetáculo exterior. É natural à humanidade caída recusar o real, o interior e o espiritual e fabricar uma religião substituta que seja fácil e confortável, porque

suas demandas são apenas externas e cerimoniais. Mas os aspectos externos pouco importam em comparação com a nova criação ou com o novo nascimento.

Isso não quer dizer que o físico e o externo não tenham lugar, pois o que está no coração precisa ser expresso por meio dos lábios, e o que é interior e espiritual na religião precisa ter expressão exterior. Mas a essência é o interior; manifestações exteriores não têm valor se faltar a realidade interior.

HUMANO OU DIVINO?

GÁLATAS 6.13-16

13 Nem mesmo os que são circuncidados cumprem a Lei; querem, no entanto, que
vocês sejam circuncidados a fim de se gloriarem no corpo de vocês. 14 Quanto a
mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo,
por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo. 15 De
nada vale ser circuncidado ou não. O que importa é ser uma nova criação. 16 Paz e
misericórdia estejam sobre todos os que andam conforme essa regra, e também
sobre o Israel de Deus.

A circuncisão não era apenas um ritual físico e exterior; era também um trabalho humano, realizado por um ser humano em outro. Mais do que isso, como um símbolo religioso, a circuncisão obrigava as pessoas a guardarem a lei. A ideia dos judaizantes acerca do caminho da salvação era que a morte de Cristo era insuficiente; ainda tínhamos de merecer o favor e o perdão de Deus pelas boas obras.

Paulo vigorosamente desafia esse ensino. Ele até contesta os motivos dos judaizantes e os põe em evidência. Eles não podem acreditar seriamente que a

salvação é uma recompensa pela obediência à lei, porque “nem mesmo os que são circuncidados cumprem a Lei”. Eles sabem que a salvação não pode ser conquistada. Por que, então, ainda insistem em obras meritórias? Como Paulo já declarou, é “apenas para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo”.

O que há na cruz de Cristo que irrita o mundo e incita-o a perseguir quem que a prega? Apenas isto: Cristo morreu na cruz por nós, pecadores, tornando-se maldição por nós. Logo, a cruz diz algumas verdades muito desagradáveis sobre nós, que somos pecadores sob a justa maldição da lei de Deus e que não podemos salvar a nós mesmos. Cristo levou nosso pecado e nossa maldição precisamente porque não poderíamos ser libertos deles de outro modo. Nada na história ou no universo nos coloca no devido lugar como a cruz.

É claro que as pessoas não gostam disso. Elas se ressentem da humilhação de se verem como Deus as vê e como realmente são. Preferem ilusões confortáveis. Por isso, afastam-se da cruz.

Constroem um cristianismo sem cruz, que depende de obras para obter a salvação, e não da obra de Jesus Cristo. Não se opõem ao cristianismo, desde que ele não seja a fé no Cristo crucificado.

A atitude do apóstolo Paulo estava totalmente em desacordo com esses pontos de vista. “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo.” A cruz, para Paulo, não era algo do qual escapar, mas o objeto de sua vanglória. Não podemos nos vangloriar em nós mesmos e na cruz. Se nos vangloriarmos em nós e na capacidade de nos salvarmos, nunca nos vangloriaremos na cruz e na capacidade do Cristo crucificado de nos salvar.

Temos de escolher. Somente se nos humilharmos como pecadores que merecem

o inferno é que correremos para a cruz em busca de salvação e viveremos nos gloriando nela.

AS MARCAS E A GRAÇA

GÁLATAS 6.17-18

17Sem mais, que ninguém me perturbe, pois trago em meu corpo as marcas de
Jesus. 18Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o espírito de
vocês. Amém.

Sem dúvida, as “marcas de Jesus” de que Paulo fala eram feridas que ele havia recebido enquanto estava sendo perseguido por causa de Jesus. Em outras passagens, ele se refere a numerosos espancamentos, e é possível que ele já tenha suportado alguns desses sofrimentos antes dessa carta. Certamente ele já havia sido apedrejado e dado como morto em Listra, uma das cidades da Galácia. As feridas que os perseguidores lhe infligiram e as cicatrizes permanentes que deixaram eram as “marcas de Jesus” a que o apóstolo se referiu. Os escravos gregos eram marcados para mostrar que eram propriedades, e é possível que Paulo tivesse essa prática em mente. Ele era escravo de Jesus; havia recebido suas marcas nas perseguições.

As marcas de perseguição de Paulo eram a base de seu pedido: “Sem mais, que ninguém me perturbe”. Paulo ansiava que os falsos mestres o deixassem em paz. Ele não havia evitado a perseguição pela cruz de Cristo. Pelo contrário, carregava feridas no corpo, as quais o designavam como um verdadeiro escravo e um fiel devoto de Jesus Cristo.

Paulo começou a carta aos gálatas com a habitual saudação da graça (Gl 1.3) e

passou a expressar espanto quando viu que eles estavam abandonando o Deus que os havia chamado na graça de Cristo (Gl 1.6). Toda a carta é dedicada ao tema da graça de Deus, seu favor imerecido para os pecadores.

Paulo termina no mesmo tom. A característica autêntica do evangelho é “a graça de nosso Senhor Jesus Cristo”, e a do pregador do evangelho, “as marcas de Jesus”. Isso se aplica a todo o povo de Deus. Paulo carregava as marcas de Jesus no corpo e a graça dele no espírito. E ele desejava que seus leitores tivessem o mesmo, pois eram seus “irmãos e irmãs” na família de Deus.

Portanto, temos Cristo por meio dos apóstolos para ensinar, Cristo por meio da cruz para salvar, e Cristo por meio do Espírito Santo para santificar. Em suma, essa é a mensagem da carta aos gálatas e a essência do próprio cristianismo. Está tudo incluso nas últimas palavras da carta: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo” – por meio dos apóstolos, da cruz e do Espírito Santo – “seja com o espírito de vocês. Amém”.

GUIA PARA DISCUSSÃO

GÁLATAS 6.6-18

PARA RESPONDER

Quando você viu uma “boa semeadura” produzir uma “boa colheita”?

PARA ESTUDAR

Leia Gálatas 6.6-18.

Quais são os vários contrastes que Paulo traça nessa passagem?

Como o versículo 6 se aplica às pessoas do ministério cristão e àquelas que se beneficiam dele?

Quais são algumas maneiras pelas quais as pessoas imaginam que podem zombar de Deus (v. 7)?

É claro que o versículo 8 não está falando literalmente sobre semente. Portanto, que tipo de coisas são “semeadas”?

Quais são alguns exemplos de má colheita e boa colheita (v. 8)?

Identifique algumas maneiras pelas quais os cristãos podem se cansar de fazer o bem (v. 9).

Por que a “família da fé” merece atenção especial (v. 10)?

Como Paulo avaliou os motivos de os judaizantes insistirem na circuncisão (v.

12-13)?

Como o cumprimento exterior da lei evitaria a perseguição pela cruz (v. 12)?

O que você acha que significa “se gloriar” na cruz de Cristo (v. 14)?

Quais são alguns exemplos de religião “exterior” que as pessoas confundem com o verdadeiro cristianismo?

Como a igreja pode experimentar paz e misericórdia (v. 16)?

PARA APLICAR

Em sua experiência, quais são os sinais exteriores ou obras que você é tentado a substituir pela realidade espiritual interior?

Considere as realizações das quais você se sente tentado a se vangloriar. Como você pode mudar isso e dar os créditos a Cristo?

ORIENTAÇÕES PARA OS LÍDERES

MINHA GRAÇA É SUFICIENTE PARA VOCÊ – 2 CORÍNTIOS 12.9

SE LIDERAR UM PEQUENO GRUPO é algo novo para você, não se preocupe. Estas sessões foram feitas para fluir de modo natural e ser conduzidas facilmente. Você pode até ter a impressão de que os estudos fluem sozinhos!

Este guia de estudo é flexível. Você pode usá-lo com vários grupos – estudantes, profissionais, colegas de trabalho, amigos, vizinhos ou grupos religiosos. Cada estudo em grupo dura de 45 a 60 minutos.

Você não precisa ser um especialista da Bíblia ou um professor qualificado para liderar um pequeno grupo. Esses guias têm por objetivo facilitar uma discussão em grupo, não a apresentação de um líder. Orientar os membros do grupo para que descubram juntos o que a Bíblia tem a dizer e ouvir juntos a orientação de Deus irão ajudá-los a se lembrar muito mais do que assistir a uma palestra.

Existem alguns fatos importantes que você deve saber sobre a dinâmica de grupo e o incentivo à discussão. As sugestões que se seguem devem prepará-lo para cumprir, efetiva e satisfatoriamente, seu papel como líder.

PREPARANDO-SE PARA O ESTUDO

Peça a Deus para ajudá-lo a entender e aplicar a passagem em sua própria vida. Enquanto isso não acontecer, você não estará preparado para liderar outras pessoas. Ore também pelos vários membros do grupo. Peça a Deus para abrir o coração deles para a mensagem da Palavra de Deus e motivar você à ação.

Leia a introdução ao guia completo para ter uma ideia geral dos temas que serão estudados. A Mensagem de Gálatas lhe dará informações mais detalhadas sobre o texto. Isso pode ajudá-lo a lidar com respostas para perguntas difíceis que possam surgir na discussão sobre o texto e o contexto.

Ao iniciar cada estudo, leia e releia a passagem bíblica citada para se familiarizar com ela.

Discuta cuidadosamente cada questão do estudo. Invista tempo na meditação e reflexão enquanto pensa em como irá responder.

Escreva seus pensamentos e respostas. Isso irá ajudá-lo a expressar com clareza sua compreensão da passagem.

Talvez seja útil ter à mão um dicionário bíblico. Use-o para consultar palavras, nomes ou lugares desconhecidos.

Reflita seriamente no modo como você precisa aplicar a Escritura em sua vida. Lembre-se de que os membros do grupo seguirão sua liderança na resposta aos estudos. Eles não irão mais a fundo do que você.

LIDERANDO O ESTUDO

No início da primeira reunião em grupo, explique que estes estudos se propõem a ser discussões, não palestras. Incentive os membros do grupo a participarem. No entanto, não pressione aqueles que podem se mostrar hesitantes para falar, especialmente durante as primeiras sessões.

Certifique-se de que todos de seu grupo têm um livro. Incentive o grupo a se preparar previamente para cada discussão, lendo a introdução ao livro e as leituras de cada seção.

Comece pontualmente cada estudo. Abra com uma oração, pedindo a Deus para ajudar o grupo a entender e aplicar a passagem.

Discuta a questão “Para responder” antes da leitura da passagem bíblica. Ela introduz o tema do estudo e ajuda os membros do grupo a se soltarem, e pode revelar onde nossos pensamentos e sentimentos precisam ser transformados pela Escritura. Ler primeiro a passagem normalmente pode influenciar as reações honestas que as pessoas poderiam dar se fosse de outra forma – porque se espera que elas pensem do modo como a Bíblia pensa. Incentive o maior número possível de membros a participar da questão “Para responder”, e esteja pronto para continuar a discussão com sua própria resposta.

Peça a um membro do grupo para ler em voz alta a passagem a ser estudada conforme indicação no guia.

As perguntas do estudo devem ser lidas em voz alta de acordo com a forma como estão escritas. Você pode, no entanto, preferir expressá-las com suas

próprias palavras. Talvez haja momentos em que seja apropriado se desviar do guia de discussão. Por exemplo, uma pergunta já pode ter sido respondida. Nesse caso, passe para a próxima pergunta. Ou alguém pode levantar uma questão importante não discutida no guia. Reserve alguns minutos para discuti-la, mas tente evitar que o grupo se desvie do tema.

Evite responder às suas próprias perguntas. Um grupo entusiasmado logo se torna passivo e silencioso se os membros pensarem que o líder será a pessoa que mais falará. Se necessário, repita ou reformule a pergunta até que seja compreendida com clareza, ou recorra ao comentário feito no guia para esclarecer o contexto ou significado.

Não tenha medo do silêncio como resposta às perguntas da discussão. As pessoas podem precisar de tempo para pensar na pergunta antes de formularem as respostas.

Não se contente com apenas uma resposta. Pergunte: “O que os demais pensam?”, ou: “Mais alguma coisa?”, até que várias pessoas tenham respondido à pergunta.

Tente ser assertivo sempre que possível. Assegure a participação. Nunca rejeite uma resposta; se ela fugir claramente do tema, pergunte: “Que versículo levou você a essa conclusão?”, ou, mais uma vez: “O que os demais pensam?”.

Não espere que todas as respostas sejam dirigidas a você, mesmo que isso provavelmente aconteça no início. À medida que ficarem mais à vontade, os membros do grupo começarão a interagir de fato uns com os outros. Isso é sinal de uma discussão saudável.

Não tenha medo de controvérsias. Elas podem ser muito estimulantes. Se você não conseguir resolver totalmente uma questão, não fique frustrado. Explique que o grupo seguirá em frente e que Deus pode iluminar a todos vocês nas próximas sessões.

Resuma regularmente a discussão do grupo sobre a passagem. Isso ajuda a reunir as várias ideias mencionadas e dá continuidade ao estudo. Mas não pregue.

Encerre a reunião com oração, pedindo que Deus os ajude a continuar com as aplicações que vocês identificaram.

Encerre no horário.

Muitas outras sugestões e auxílios para estudar uma passagem ou conduzir a discussão podem ser encontrados em How to Lead a LifeGuide® Bible Study e The Big Book on Small Groups (ambos da InterVarsity Press).

Caro leitor:

Acesse www.ultimato.com.br e faça seu comentário sobre este livro.
Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.

LENDO GÁLATAS COM JOHN STOTT

Categoria: Comentário bíblico / Devocional / Estudo bíblico

Copyright © 2017, John Stott’s Literary Executors

Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos

Título original em inglês: Reading Galatians With John Stott

Primeira edição: Dezembro de 2018

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução:Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão:Lívea Araújo Sacramento

Diagramação:Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia C. Nunes

Produção do arquivo ePub: Booknando

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo quando há indicação específica.

Legenda:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

ISBN 978-65-86173-39-0

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

facebook.com/editora.ultimato twitter.com/ultimato
instagram.com/editoraultimato